

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

TAYANE CRISTINE FERREIRA CLEMENTE DA SILVA

**O INCONSCIENTE: DA METAPSICOLOGIA AO PROBLEMA DA MORALIDADE
NO CAMPO DA INTERDIÇÃO**

JOÃO PESSOA
2020

TAYANE CRISTINE FERREIRA CLEMENTE DA SILVA

**O INCONSCIENTE: DA METAPSICOLOGIA AO PROBLEMA DA MORALIDADE
NO CAMPO DA INTERDIÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba como requisito final para a obtenção do título de Mestra em Filosofia, sob a orientação do Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha.

JOÃO PESSOA

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586i Silva, Tayane Cristine Ferreira Clemente da.

O Inconsciente: da metapsicologia ao problema da moralidade no campo da interdição / Tayane Cristine Ferreira Clemente da Silva. - João Pessoa, 2020.
82 f.

Orientação: Iraquitan de Oliveira Caminha.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Inconsciente. 2. Segunda tópica. 3. Dinâmica pulsional. 4. Pulsão de morte. 5. Interdição. I. Caminha, Iraquitan de Oliveira. II. Título.

UFPB/CCHLA

TAYANE CRISTINE FERREIRA CLEMENTE DA SILVA

**O INCONSCIENTE: DA METAPSICOLOGIA AO PROBLEMA DA MORALIDADE
NO CAMPO DA INTERDIÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Filosofia da
Universidade Federal da Paraíba como
requisito final para a obtenção do título de
Mestra em Filosofia.

João Pessoa, 10 de julho de 2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha
Orientador

Prof. Dr. Narbal de Marsillac Fontes
Membro Interno

Prof. Dr. Érico Andrade Marques de Oliveira
Membro externo

JOÃO PESSOA

2020

À minha família.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal da Paraíba, especialmente ao corpo docente e servidores do Programa de Pós-graduação em Filosofia desta universidade.

À minha mãe Damiana Clemente, pelo exemplo de determinação que é; ao meu pai Francisco Ferreira, ao meu irmão Lynconl Alexandre, à minha cunhada Paloma Najda, aos meus sobrinhos Gabriel Vinícius e Maria Eloá, à minha avó Antonia Ferreira (*In memorian*), e ao meu avô Luiz Clemente (*In memorian*). Aos queridos familiares Maria Lêda Freitas e família, Petrônio Gomes, Lucimares Oliveira, Livia Cruz, Sebastiana Clemente e família, pela motivação e ombro amigo que me concederam ao longo dessa caminhada.

Ao meu companheiro Petrônio Júnior, por cada palavra de conforto e motivação durante o curso, pela paciência e por sempre estar ao meu lado.

A todos os companheiros do partido Unidade Popular pelo Socialismo – UP pela compreensão nos momentos em que estive ausente na militância realizando essa pesquisa, principalmente nesse momento tão difícil que o Brasil enfrenta.

Ao coletivo bruta flor – Campina Grande, pela motivação e ombro amigo.

Aos amigos(as), Natália Rodrigues, Géssyca Deize, Marcus Welby, Diógenes Rolim, Rogério Trindade, Rafael Paulo, Renata Santos, Carol Almeida, Viviane Casado, Tarcísia Keliane, Cácia Roberta, pelo companheirismo e palavras de motivação ao longo dessa caminhada e por tudo que cada um(a) representa. A Arthur Luna pelas contribuições na parte técnica desse trabalho e pela amizade e a Gustavo Macedo pela motivação e amizade.

Ao meu caríssimo orientador Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha, expresso minha profunda gratidão por toda a paciência e dedicação e pela ótima condução no desenvolvimento desse trabalho de pesquisa.

Ao professor Dr. Gilfranco Lucena, por aceitar participar da banca de qualificação e pela ótima contribuição para esse trabalho.

Aos Professores Dr. Narbal de Marsillac Fontes e Dr. Érico Andrade, por aceitarem participar da minha banca e pelas contribuições para esse trabalho.

Ao prof. Dr. Luciano da Silva pelo incentivo para que eu participasse do processo seletivo 2018.2 do PPGFIL-UFPB e pelos livros emprestados.

Ao prof. Dr. Abraão Andrade, pelas aulas de filosofia online, pela motivação e ombro amigo.

Ao meu ex-orientador, Prof. Eberth Eleutério dos Santos pelo auxílio nas pesquisas e motivação na minha vida acadêmica desde o Bacharelado.

À CAPES pelo financiamento dessa pesquisa.

Do rio que tudo arrasta se diz que é violento.

Mas ninguém diz violentas

As margens que o comprimem.

BRECHT, Poemas e Canções.

RESUMO

No presente trabalho analisamos como se deram as reformulações teóricas de Freud que culminaram na divisão do aparelho psíquico elaborada em *O Eu e o Id* (1923), perpassando pela série de aperfeiçoamentos do conceito de Inconsciente ao longo dos estudos freudianos. Desse modo, observamos um ultrapassamento da divisão sistemática elaborada na primeira tópica em Cs, Pcs e Ics, em prol de uma rica interação entre as instâncias Id, Eu e Supereu, que constituem a segunda tópica e sua mais sofisticada modelização do mental, a fim de entender como se dão os processos mentais ditos normais e patológicos, através da dinâmica pulsional Eros e Tânatos. Investigamos a posição privilegiada da noção pulsão de morte como resultado de todo um processo de construção teórica que perpassa as tópicas freudianas, a fim de compreender como a interação entre as instâncias psíquicas Id, Eu e Supereu nos direciona a pensar a civilização como a tentativa de interdição das pulsões e, assim, pensarmos o problema da moral civilizatória e o mal-estar fruto dessa interdição. Por fim exploramos a noção de compulsão à repetição e observamos que a pulsão, embora não se inscreva ela mesma no aparato psíquico do sujeito, é o que se repete, é o que insiste em aparecer. Em meio a essa persistência da pulsão, é em função da figura do Outro que o sujeito irá ceder de seu desejo, e a instância crítica supereu, por sua vez, irá exigir cada vez mais renúncias pulsionais.

Palavras-chave: Inconsciente. Segunda tópica. Dinâmica Pulsional. Pulsão de morte. Interdição.

ABSTRACT

In this paper it will be analyzed how it proceeded the theoretical reformulations of Freud culminating in the division of the psychic apparatus developed in *The Ego and the Id* (1923), going through the series of improvements of the concept of Unconscious throughout Freud's studies. Thus, we observed an overcoming of the systematic division elaborated in the first topic in Ucs, Pcs and Cs, in favor of a rich interaction between instances Id, Ego and Super-ego, which constitute the second topic and its more sophisticated mental modeling, in order to understand how the mental processes functionate healthy and pathologically, through the drive dynamics Eros and Tanatos. We investigated the privileged position of the notion of death drive as a result of the whole theoretical construction process that permeates Freud's topics, in order to understand how the interaction between the psychic instances Id, Ego and Super-ego direct us to think of civilization as we attempt to interdict the drives, and thus we think the problem of civilization and moral malaise is a result of this interdict. Finally, we explore the notion of repetition compulsion and observe that the drive, although it does not inscribe itself in the subject's psychic apparatus, is what is repeated, is what insists on appearing. Amid this persistence of the drive, it is due to the figure of the other that the subject will give in to your desire, and the critical instance superego, on the other hand, will require more and more pulsional waivers.

Keywords: Unconscious. Second topical. Drive Dynamics. Death drive. Interdiction.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: A METAPSICOLOGIA FREUDIANA	19
1.1 No rastro do Inconsciente	21
1.2 As formas de configuração dinâmica das pulsões sexuais na psique	23
1.3 Os mecanismos de Defesa e a Repressão (Recalque)	26
1.4 A primeira tópica freudiana: a comunicação entre os sistemas lcs, Cs e Pcs	31
1.5 Os pontos de vista topográfico e dinâmico/funcional	33
1.6 O conceito de contra-investimento e o ponto de vista econômico	34
1.7 Introdução da análise sobre as fantasias e as psiconeuroses	35
CAPÍTULO II: AS REFORMULAÇÕES E O SURGIMENTO DA <i>SEGUNDA TÓPICA</i>	40
2.1. O aparelho psíquico de 1895	41
2.2 O <i>Eu</i> do <i>Projeto</i> de 1895	42
2.4 A interpretação dos sonhos (1900)	44
2.5 A <i>segunda tópica</i> : Id, Eu e Supereu	47
2.6 O eu e o supereu	48
2.7 A dinâmica pulsional Eros e Tânatos	52
CAPÍTULO III: O PROCESSO DA MORAL CIVILIZATÓRIA E A PULSÃO DE MORTE	58
3.1 Compulsão à repetição e o <i>Além do princípio do prazer</i>	58
3.2 A relação entre atos obsessivos neuróticos e rituais religiosos	60
3.3 A hipótese da horda primitiva e a relação com a religião monoteísta	61
3.4 O paradoxo da civilização: entre a necessidade de ordem e o mal-estar	64
3.5 O curso da evolução cultural e a psicologia das massas	69
3.6 A onipresença da pulsão de morte e o papel do supereu	71

3.8 A destrutividade freudiana como princípio e a ética em psicanálise	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS	81

INTRODUÇÃO

No decorrer de sua extensa obra, Freud estabelece um novo paradigma de pesquisa e um novo marco conceitual para a psicologia do século XX. Esse novo paradigma de pesquisa se consolida por meio de sua abordagem clínico-teórica, na qual verificamos uma reciprocidade bastante construtiva entre hipóteses, elaboração teórica e observação clínica. Dessa feliz união, Freud gerou seu mais importante legado: a Psicanálise. Por sua vez, foi essa mesma perspicácia no uso da observação empírica, unida às audaciosas hipóteses de trabalho, que lhe permitiu radicalizar teoricamente o campo da psicologia por meio dos conceitos de Inconsciente e narcisismo, para citar apenas esses dois exemplos.

Mas é bem verdade que o alcance das pesquisas freudianas se estende para muito além da psicologia propriamente dita. De fato, sua teorização do mental, através dos modelos teóricos por ele propostos, apresentam grande originalidade metodológica e uma riqueza conceitual tão impactante que culminou na promoção de acalorados debates e distintas interpretações entre os que apoiavam os seus resultados e aqueles que deles divergiam, ou mesmo aqueles que os negavam inteiramente. Essa notável capacidade de gerar discussões apaixonadas foi uma das mais marcantes características dessa personalidade enérgica e inquisidora, e que foi transmitida integralmente para o interior de seu pensamento.

Tratamos de desvendar, por meio dessa pesquisa, uma pequena parcela da contribuição freudiana para a psicologia do século XX, ao mesmo tempo em que tentamos mensurar a magnitude de seu legado teórico-conceitual para a compreensão do espírito humano em sentido amplo, isto é, para o dimensionamento de suas motivações, de seus interesses, de suas indagações. Isto nos conduzirá a especulações no campo da moral, na medida em que as questões relacionadas a esse campo nascem daquilo que nos acostumamos a chamar de espírito humano. É este espírito que, em última instância, aparece como o principal objeto de investigação em Freud. Entender este espírito do ponto de vista da psicologia freudiana pode ter como resultado a resignificação de todo o esforço humano em suas muitas esferas de atuação. É neste sentido que justificamos essa pesquisa acadêmica e acreditamos estar diante de uma pesquisa de cunho filosófico

A seu modo, a revolução freudiana veio recolocar em circulação um tema quase anátema, na atmosfera cientificista que marcou o “pequeno racionalismo” do início do século XX. Sua noção central – a de que o

homem é o palco do conflito e do desejo – suscita resistências até hoje compreensíveis; mas, por outro lado, ela permite desdobramentos fecundos, que talvez lhe assinalem o lugar de honra entre as disciplinas que se ocupem do homem. Toda a obra de Freud pode ser lida como uma lenta e penosa explicitação da fórmula das *Novas Conferências de Introdução à Psicanálise: Wo es War, soll ich werden* – onde era Id, que haja o ego (MEZAN, 2013, p 337).

Dito isto, consideramos que a obra de Freud pode ser interpretada como um trabalho fundamental, pois é possível perceber nela uma investigação capaz de fundar as bases que podem dar sentido a outras mais antigas, ou já há muito estabelecidas. Está aí o interesse filosófico que a obra de Freud ainda é capaz de despertar. Interesse este que se coloca para além de todas as polêmicas e de todas as divergências teóricas, uma vez que é capaz de assimilá-las no seio de sua própria teoria. Esta aí o vigor de uma obra que parece resistir ao tempo, mesmo depois de importantes filósofos, psicólogos e psicanalistas terem dirigido a ela seus mais fortes argumentos e críticas.

Tratamos de investigar a noção de Inconsciente nas chamadas primeira tópica (*Topik, topisch*)¹ e segunda tópica freudiana, no intuito de entender as transformações e reformulações realizadas ao longo da metapsicologia. Observamos que desde o início, os interesses científicos de Freud o conduziram na tarefa de tentar suprimir aquilo que considerava ser a maior deficiência das formas vigentes de compreensão do funcionamento dos processos psíquicos em seu século. Essa insuficiência residia justamente em se ignorar, em princípio, a existência de processos psíquicos inconscientes por meio da criação de uma equivalência prematura e, por isso, teoricamente frágil entre os processos psíquicos e estados mentais conscientes². Para Freud, esse tipo de abordagem continha uma série falhas e omissões que comprometiam a clareza conceitual, chegando até mesmo a *petitio principii*, afirmando que

Tal equiparação é ou uma *petitio principii*, que não admite questionar se tudo psíquico tem de ser também consciente, ou um caso de convenção, de nomenclatura. Tendo este segundo caráter, ela é naturalmente irrefutável, como toda convenção. Resta então perguntar se ela é útil e adequada o bastante para que tenhamos de aceitá-la. Podemos responder que a identificação convencional entre o psíquico e o consciente é totalmente inadequada. Ela rompe as continuidades psíquicas, nos precipita nas insolúveis dificuldades do paralelismo psicofísico, fica aberta à crítica de superestimar sem fundamentação razoável o papel da consciência, e nos

¹ Cf. LAPLANCHE, PONTALIS. 1970.

² Cf. FREUD, 2010d, p. 102.

obriga a deixar o âmbito da pesquisa psicológica, sem nos trazer compensação de outros campos (FREUD, 2010, p.76-77).

Assim, compreendemos que, para Freud, a série de insuficiências encontradas se dava pelo fato de não haver um estudo aprofundado dos eventos psíquicos que abarcasse aqueles da ordem do inconsciente. Essa compreensão necessitava urgentemente de uma conceituação e de uma teorização mais completa que, partindo muitas vezes de princípios especulativos, pudessem ser suficientemente explicativas para o que se constatava por meio de dados empíricos. E tais constatações empíricas apontavam indiscutivelmente, segundo Freud, para uma abordagem que não excluísse a existência e a influência do inconsciente.

No cenário científico no qual grande parte dos pesquisadores da psicologia do final do século XIX buscava uma explicação do psíquico sem pretender um compromisso com o uso positivo da palavra inconsciente, Freud se deparou com duas alternativas: na primeira, ele poderia levar a cabo uma linha investigativa baseada na identificação entre a consciência e a psique, reduzindo completamente o psíquico aos estados conscientes; neste caso, o inconsciente poderia ser reduzido a estados fisiológicos que, de algum modo, caminhariam paralelamente aos estados conscientes. Uma segunda alternativa apontava para a redução do vocabulário mental ao neurológico, o que redundaria numa espécie de teoria psicológica de cunho fisicalista. Essa alternativa tinha como objetivo encontrar uma descrição mecânica do mental reduzindo-o, tanto quanto fosse possível, a estados físico-químicos que, na melhor das hipóteses, pudessem ser quantificados, de modo que o psicológico seria pensado como uma espécie de fenômeno de superfície desses estados de base sobre os quais deveria ser erguida uma psicologia verdadeiramente científica. Toda referência a conceitos puramente psicológicos, poderiam ser considerados como secundários uma vez que por detrás deles residiria uma causalidade do tipo mecanicista, relativamente simples e perfeitamente inteligível em termos físico-químicos. Por meio desta segunda alternativa o uso do termo inconsciente seria descartável, tomando-o como completamente exterior e, por isso, supérfluo à teoria de base.

Essa segunda alternativa foi vislumbrada e ensaiada por Freud no ano de 1895 com O projeto de uma psicologia, sua psicologia para neurólogos, como ele

mesmo chegou a se referir a tal escrito³. Neste trabalho, apontava ele para o caminho de uma modelização do tipo biomecânica, por meio da qual acreditava dar o primeiro passo na tentativa de contornar o problema de um paralelismo psicofísico e, ao mesmo tempo, obter a tão pretendida continuidade teórica dos processos psíquicos, podendo assim abrir mão de um vocabulário que remetesse a afirmação do inconsciente como conceito positivo. Contudo, rapidamente pôde perceber que a complexidade de seu objeto de estudo, os estados mentais normais e patológicos, gerava uma tensão insustentável quando colocado diante da redução oferecida por esse tipo de modelização biomecânica. Essa tensão só poderia ser desfeita com o retorno ao vocabulário propriamente psicológico, com a afirmação do inconsciente e com o seu inevitável tratamento conceitual. O fracasso da tentativa da modelização enfrentada no Projeto de uma psicologia, sela o destino de Freud que se vê, a partir de então, novamente e dessa vez definitivamente, às voltas com o inconsciente.

Ainda assim, apesar de ser insistentemente apontado como um conceito central de sua psicologia, marcando presença em quase todos os trabalhos que sucederam a *Interpretação dos sonhos* (1900), na qual aponta que o sonho é uma atividade psíquica que possui sentido e que é a via régia de acesso ao inconsciente, foi somente de maneira um tanto tardia, entre os anos de 1914 e 1915⁴, que Freud passou a explicitar e demarcar de maneira mais direta e específica o inconsciente. A necessidade dessa explicitação conceitual surge na medida em que Freud se dá conta de que as ambiguidades no emprego da terminologia se tornaram grandes impeditivos de maiores avanços na teoria.

Como consequência dos desenvolvimentos teóricos alcançados, Freud se viu em condições de abordar as dificuldades envolvendo a imprecisão conceitual do inconsciente, mas esse não foi o resultado último e mais importante desse esforço teórico. Graças a esta preocupação envolvendo o inconsciente, que paulatinamente havia ganhado fôlego nos dez anos de pesquisa e trabalho que imediatamente antecederam a publicação de *O inconsciente*, uma inteira reelaboração das concepções estruturais da psicologia freudiana se tornou realizável. De fato, estas

³ Cf. FREUD 2006a, *Carta 23*.

⁴ No artigo *Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise* de 1912, Freud (FREUD 2006b) antecipa de maneira bastante sumária alguns dos elementos que serão tratados de maneira mais detida nos artigos metapsicológicos de 1914-1915.

conquistas teóricas o conduziram a uma inteira reordenação de sua modelização da *psique*, culminando na publicação de *O Eu e o Id*⁵ em 1923.

Em *O Eu e o Id* encontraremos, pela primeira vez, de maneira quase que completamente organizada e finalizada, as conquistas teóricas obtidas nos anos anteriores; de tal modo que foi possível concentrar, nessa obra, os resultados desses anos de desenvolvimento e amadurecimento teórico, sem os quais a reestruturação da psicologia freudiana, não teria sido possível. A partir desse momento, essa deveria ser lida e compreendida em novos termos e segundo uma mais sofisticada ordenação de princípios e relações, por meio dos quais ganharia um contorno mais complexo e, também, mais potente em termos de alcance explicativo e aplicações.

Assim, as formas anteriores de indicar os sistemas psíquicos como consciente e inconsciente são transmutados no interior de uma descrição mais geral, capaz de oferecer uma mais ampla compreensão dos processos psicológicos. A consideração do *jogo* entre essas instâncias, ou superestruturas psíquicas, revelaria o cerne dos processos psíquicos ditos normais e patológicos, ao mesmo tempo em que permitiria uma ampliação do alcance da psicanálise em seus aspectos clínicos e teóricos, por meio da dissolução de ambiguidades e insuficiências que pareciam frutos de uma limitação inerente ao antigo modelo.

Veremos que, a partir do chamado corte de 1920 (MEZAN, 2013, p. 252) que data da publicação de *Além do princípio do prazer*, a inovadora noção de pulsão de morte aparece numa posição privilegiada na compreensão dos eventos psíquicos normais e patológicos, ganhando cada vez mais importância no conjunto do arcabouço teórico que sustenta a psicanálise, perpassando o surgimento da segunda tópica em 1923 com a nova divisão do aparelho psíquico e seu alcance explicativo em relação ao novo dualismo pulsional Eros e Tanatos.

Exploraremos essa posição privilegiada da pulsão de morte como resultado de todo um processo de construção teórica que perpassa a primeira e a segunda tópicas freudianas, a fim de compreender como o jogo entre as instâncias Id, Eu e

⁵ Sobre a conservação do termo latino *Id* ao invés de traduzir por *Isso*, o tradutor justifica na nota da página 29 da obra *O eu e o id, autobiografia e outros textos (1923-1925)*, afirmando que “[...] Inspirados na edição italiana das obras completas de Freud, que traduz as três instâncias da psique por *io*, *super-io* e *es*, conservando o original alemão nessa última, resolvemos manter o *id* latino da versão tradicional (pois o *Es* alemão poderia gerar confusão com o verbo *ser*, além de soar estranho)”. Assim, utilizaremos ao longo do nosso trabalho o termo *Id* inspirados pelo tradutor da obra supracitada.

Supereu nos encaminha a pensar a civilização como a tentativa de interdição das pulsões que é introjetada no sujeito pela instância crítica chamada de Supereu, e os desdobramentos da ação crítica dessa instância e da cultura na vida humana, para pensarmos o problema da moral no campo da interdição; interdição esta que tem como resultado o mal estar.

Por fim, analisaremos a pulsão de morte como vontade que é destrutiva porém criativa segundo a leitura lacaniana no Seminário 7 – A ética da psicanálise, visando enfatizar o caráter insistente com que a pulsão se presentifica no psiquismo e que a pulsão de morte é uma das formas pelas quais a pulsão se inscreve nesse aparato anímico, nos sendo acessível ao nível da representação e não por elas mesmas.

CAPÍTULO I: A METAPSICOLOGIA FREUDIANA

Tem sido comum considerar a psicologia freudiana, em particular a psicanálise, como se fosse construída por duas linhas de investigação, a princípio, distintas. A primeira abordagem investigativa seria aquela orientada pelos dados clínicos obtidos por Freud junto a seus pacientes, sendo justo, portanto, denominá-la de abordagem empírica; a segunda abordagem corresponderia a um tipo de investigação de ordem essencialmente conceitual, sendo esta comumente chamada de abordagem especulativa ou Metapsicológica⁶.

Ainda que, em princípio, esse seja um modo válido de adentrar na intrincada trama das teorias de Freud, uma vez que é o próprio pai da psicanálise que estabelece a diferença entre, de um lado, aqueles elementos meramente descritivos (ou empíricos) como o consciente e o inconsciente, os sonhos, o Complexo de Édipo, a transferência e a resistência (todos estes elementos encarados do ponto de vista dos fatos clínicos), daqueles outros elementos que, por sua vez, não apresentariam qualquer substrato observacional, mas que possuem uma origem assumidamente especulativa, como a ideia de aparelho psíquico dividido em instâncias, o pressuposto de quantidades que percorrem unidades chamadas de neurônios, a teoria das pulsões, etc. É importante ressaltar que, apesar de Freud fazer uma distinção entre as elaborações com base na clínica e as metapsicológicas com base nas suas especulações teóricas, na sua obra a clínica é sempre o primado de seu pensamento.

Ainda assim, qualquer investigação séria do pensamento de Freud mostra claramente a interdependência dessas duas estratégias de apreensão dos conceitos ditos do âmbito psíquico. Na verdade, a distinção entre elementos descritivos (ou empíricos) e elementos metapsicológicos (ou especulativos), no seio da teoria freudiana, faz referência a um tipo de metodologia de pesquisa científico-filosófica

⁶ FULGÊNCIO, 2003, *As especulações metapsicológicas de Freud*, in *Natureza Humana* 5(1): 129-173, jan. – jun, 2003.

profundamente enraizada no pensamento da Escola de Helmholtz e que facilmente poderia nos remeter ao método investigativo de Kant, retrocedendo até Newton⁷.

Desse ponto de vista metodológico, a especulação teórica cumpriria bem o seu papel quando, ao se projetar para muito além de qualquer observação possível, supre o campo empírico com aqueles conceitos operacionais, sem os quais a ciência não passaria de um mero experimentalismo amador e, portanto, estéril quando considerado do ponto de vista teórico-científico mais rigoroso.

Para Freud, a metapsicologia seria, então, uma superestrutura da psicanálise, na qual os conceitos ali contidos poderiam facilmente ser descartados ou substituídos, em prol de uma mais elegante ou eficaz consolidação teórica. Assim o objetivo visado ao se lançar mão de conceitos meramente especulativos seria sempre o de auxiliar na complementação e na consolidação das teorias empíricas para, deste modo, poder organizar, da melhor forma possível, os chamados fatos científicos, buscando compreender os fenômenos e suas relações de maneira completa, como afirma Freud (2010):

Não é raro ouvirmos a exigência de que uma ciência deve ser edificada sobre conceitos fundamentais claros e bem definidos. Na realidade, nenhuma ciência começa com tais definições, nem mesmo as mais exatas. O verdadeiro início da atividade científica está na descrição de fenômenos, que depois são agrupados, ordenados e relacionados entre si. Já na descrição é inevitável que apliquemos ao material certas ideias abstratas, tomadas daqui e dali, certamente não só da nova experiência. Ainda mais indispensáveis são essas ideias — os futuros conceitos fundamentais da ciência — na elaboração posterior da matéria. Primeiro elas têm de comportar certo grau de indeterminação; é impossível falar de uma clara delimitação de seu conteúdo. Enquanto se acham nesse estado, entramos em acordo quanto ao seu significado, remetendo continuamente ao material de que parecem extraídas, mas que na realidade lhes é subordinado. Portanto, a rigor elas possuem o caráter de convenções, embora a questão seja que de fato não são escolhidas arbitrariamente, mas determinadas por meio de significativas relações com o material empírico — relações que acreditamos adivinhar, ainda antes que possamos reconhecer e demonstrar. Apenas depois de uma exploração mais radical desse âmbito de fenômenos podemos apreender seus conceitos científicos fundamentais de maneira mais nítida e modificá-los progressivamente, tornando-os utilizáveis em larga medida e ao mesmo tempo livres de contradição. Então pode ser o momento de encerrá-los em definições. Mas o progresso do conhecimento também não tolera definições rígidas. Como ilustra de maneira excelente o exemplo da física, também os “conceitos fundamentais” fixados em definições experimentam uma constante alteração de conteúdo (FREUD, 2010b, p. 53).

Aqui, podemos compreender que a metapsicologia pode ser entendida como um pressuposto para tornar inteligíveis os dados colhidos na observação clínica,

⁷ Para mais detalhes sobre a influência de Kant no pensamento freudiano ver LOPARIC, J. *De Kant a Freud: um roteiro, kant e-Prints* – Vol. 2, n. 8, 2003.

impondo a esta conceitos que visam produzir uma dada compreensão acerca dos fenômenos.

1.1 No rastro do Inconsciente

Nos textos que compõem os chamados Ensaio de metapsicologia de 1915, Freud busca aperfeiçoar a compreensão de certos conceitos importantes para a construção do arcabouço teórico psicanalítico. Nesses textos, encontramos uma construção científico-filosófica nas análises realizadas devido ao alto nível de especulação alcançado. Nesse sentido, Freud compreendeu que sem uma abordagem teórica consistente para explicar o que era observado na experiência clínica, não seria possível colocar fim às inúmeras lacunas observadas nos processos conscientes.

Em *Os instintos e seus destinos*⁸ (1915), o primeiro conceito a ser esclarecido é o de Pulsão (*trieb*). Freud aponta a diferença entre o conceito de estímulo e o conceito de instinto (*Instinkt*). Nessa diferenciação, percebemos que há um esforço para desbiologizar o uso que se faz do termo pulsão, na tentativa de não o reduzir à noção de estímulo (que vem de fora) e o modelo do arco reflexo, advindos da fisiologia. Nesse modelo, um estímulo exterior que é recebido pelo organismo logo é afastado. Já para a pulsão nenhuma ação de fuga é possível, pois ela é uma força que opera de maneira constante e não momentânea, força esta que vem de dentro do próprio organismo.

Diante disso, Freud aponta que o sistema nervoso é um aparelho que tem a função de afastar os estímulos externos que lhe chegam ou reduzi-los ao mais baixo nível possível, de acordo com o princípio de constância, sendo esta a única tarefa que os estímulos impõem ao sistema nervoso. No entanto, quando se trata dos estímulos pulsionais internos, o modelo do arco reflexo não consegue dar conta das exigências impostas por eles:

Os estímulos instintuais que surgem no interior do organismo não podem ser liquidados por esse mecanismo. Portanto, colocam exigências bem mais elevadas ao aparelho nervoso, induzem-no a atividades complexas, interdependentes, as quais modificam tão amplamente o mundo exterior, que ele oferece satisfação à fonte interna de estímulo, e sobretudo obrigam o aparelho nervoso a renunciar à sua intenção ideal de manter a distância os estímulos, pois sustentam um inevitável, incessante afluxo de estímulos. Talvez possamos concluir, então, que eles, os instintos, e não os estímulos

⁸ Cf. FREUD, 2010b, 57

externos, são os autênticos motores dos progressos que levaram o sistema nervoso, tão infinitamente capaz, ao seu grau de desenvolvimento presente (FREUD, 2010, p. 56).

Freud define pulsão (trieb) como uma medida de exigência que é feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo: é o conceito limite entre o somático e o psíquico. Desse modo, “Freud está propondo que a pulsão ‘representa’ no plano mental as forças orgânicas” (MEZAN, 2013, p. 160).

Na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) que constitui, além da obra *A interpretação dos sonhos* (1900) e dos *Ensaio de metapsicologia* (1914-1915), um trabalho basilar para a teoria psicanalítica, Freud trata de trazer a pulsão sexual para o centro da investigação. Nela é possível compreender a tentativa de Freud de sustentar a pulsão sexual não como um instinto no sentido estritamente biológico, o qual concebe sua satisfação através da função reprodutiva, pois, segundo essa noção biológica, todo e qualquer comportamento sexual que não tenha por meta a reprodução seria considerado perversão. Assim, a pulsão sexual é entendida por Freud não como uma coisa instintiva e sim como algo que busca prazer independente da norma imposta. Tal compreensão é sustentada devido ao problema fundamental observado por Freud: de que há inúmeros desvios tanto em relação ao objeto sexual (pessoa da qual a atração provém), quando à meta sexual (ação à qual a pulsão impele).

Posto isso, podemos compreender que Freud realiza uma crítica aos limites estabelecidos pelas teorias vigentes de sua época à sexualidade humana, e busca ampliar o conceito de sexualidade que, por sua vez, aponta para a hipótese da sexualidade infantil com o estudo das fantasias e das diversas psiconeuroses, as quais fazem referência, às pulsões de ordem sexual na infância. É nesse contexto que ele fala de uma sexualidade infantil denominada de perversa polimorfa, compreendendo que a sexualidade do infante é regida pelo princípio do prazer e, desse modo, desprovida de limitações morais. Dessa ideia surge o entendimento de que a sexualidade humana é fundamentalmente “perversa” no sentido de que ela perverte a natureza, pois a referida sexualidade não é vivida seguindo exclusivamente os passos das determinações biológicas.

Para uma melhor compreensão desse conceito fundamental no edifício teórico da psicanálise, a saber, a pulsão, é necessário que alguns termos sejam

esclarecidos, dado que são utilizados com referência ao conceito de pulsão, que são: impulso, meta, objeto e fonte. Tais conceitos são importantes para que possamos entender as formas de configuração da dinâmica pulsional explicadas por Freud mais adiante no artigo metapsicanalítico *Os instintos e seus destinos*.

O impulso é compreendido como aquilo que move a pulsão, sendo, pois, a medida de exigência de trabalho que a pulsão representa, sendo característica comum a todas as pulsões; já a meta da pulsão é a sua satisfação, que é obtida através da eliminação do estímulo advindo da fonte. Freud sustenta que podem existir diferentes caminhos que levem a uma mesma meta e que há pulsões que são inibidas na sua finalidade (FREUD, 2010, p.58); o objeto, por sua vez, é a coisa em relação a qual ou através da qual a pulsão pode atingir a sua satisfação, e é o que há de mais variável. O caso de ligação estreita de uma pulsão com um objeto é chamado de fixação; por fim, temos o conceito de fonte, sendo esta o processo do corpo (somático) no qual o estímulo é representado na vida mental pela pulsão. Freud sustenta que o estudo das fontes das pulsões está fora do âmbito da psicologia, pois só se conhece as fontes das pulsões pelas suas metas. É importante ressaltar que quando se trata de pulsões não há sentido em tratá-las do ponto de vista qualitativo, mas sim quantitativo – da quantidade de excitação que carregam.

1.2 As formas de configuração dinâmica das pulsões sexuais na psique

Posto isso, Freud aborda em *Os instintos e seus destinos* as formas possíveis de configuração da dinâmica pulsional das pulsões sexuais no desenvolvimento da vida anímica, que são: 1) a reversão no contrário, 2) o voltar-se contra a própria pessoa, 3) a repressão e 4) a sublimação. Analisaremos as situações (1) e (2) e mais adiante analisaremos o artigo metapsicológico de 1915 que trata do terceiro mecanismo: a repressão.

Na 1) reversão no contrário, encontramos duas possibilidades distintas de configuração dos processos que subjazem a dinâmica pulsional: de um lado, observamos a conversão da atividade em passividade; nesta situação o sujeito (o elemento ativo da ação) é convertido em objeto (elemento sobre o qual recai as consequências da ação), e o sujeito sempre apresentará uma forma ativa e passiva, e, de outro lado, temos a inversão de conteúdo, que é a transformação do amor em ódio. Esta conversão da atividade em passividade diz respeito, tão somente, à forma

como a pulsão (*trieb*) alcança a sua meta, isto é, sua satisfação, pois “A rigor, não existe pulsão passiva, mas somente pulsões cujo objetivo é passivo como, por exemplo, no caso do exibicionismo ou do masoquismo. Toda pulsão é ativa e a pressão é a própria atividade da pulsão, seu fator dinâmico.” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 120).

Como postos acima, exemplares de manifestação psíquica dessa forma de conversão podem ser encontrados nos pares: sadismo-masoquismo/voyeurismo-exibicionismo. Nestes casos, é relativamente fácil observar a transformação da finalidade da pulsão, de ativa em passiva, no que diz respeito ao encontro da satisfação. Em ambos os casos o comportamento ativo é substituído pelo passivo, e a forma-objeto toma o lugar da forma-sujeito, com graus variados de intensidade e sofisticação na realização da pulsão.

Contudo, a transformação do conteúdo pulsional, de amor em ódio, não pode encontrar sua explicação na mera transformação de sua finalidade. Para entender a inversão de conteúdo, Freud irá propor que esta análise seja guiada pelas três polaridades principais da vida psíquica: sujeito (Eu); objeto (mundo externo); prazer-desprazer; atividade-passividade. Essa análise da inversão do conteúdo pulsional permitirá também reafirmar e reforçar os recentes resultados das investigações de Freud acerca do narcisismo⁹.

Inicialmente, no caso do narcisismo primário, o eu se mostra completamente indiferente ao mundo externo, pois o objeto amado (objeto de satisfação/finalidade pulsional) encontra-se inteiramente referido ao próprio sujeito. Na medida em que a realidade se complexifica, esta passa a exigir do eu parte da atenção antes dirigida exclusivamente para si mesmo. Torna-se então necessário dirigir parte da atenção para o mundo exterior com o intuito de encontrar nele um objeto adequado à realização da meta pulsional. Uma vez encontrado, o objeto de prazer será absorvido no eu, ao passo que a representação de sua ausência (ou distanciamento) será associada à sensação desprazerosa, correspondendo a uma representação pertencente ao mundo externo. O objeto no mundo externo é levado ao eu, a princípio, pelas pulsões de autopreservação. Se o objeto for fonte de prazer, será amado e incorporado ao eu; se for fonte de desprazer, haverá uma tendência em aumentar a distancia entre o objeto e o eu. Através dessa manobra de

⁹Cf. FREUD, 2010a.

absorção e projeção, o ser amado (objeto de satisfação) volta a coincidir com o sujeito, dando origem a segunda forma narcísica e correspondendo à polaridade: Eu (amor/prazer); Mundo: (indiferença/ódio).

Dessas etapas no processo de desenvolvimento narcísico podemos considerar que se, em um primeiro momento, o sujeito buscava e encontrava o prazer unicamente em si mesmo é porque objeto e sujeito coincidiam imediatamente na realização dessa metade satisfação exclusivamente libidinal. Ao passo que a passagem desse narcisismo primário para o seu desenvolvimento posterior revela que esta coincidência deixa de existir; de modo que o eu deve, de agora em diante, realizar um esforço no sentido de trazer para si aqueles objetos externos que lhe são agradáveis, ao mesmo tempo em que tenta afastar de si aqueles que se interpõem entre ele e a meta de satisfação; significando que a libido deixou de ser o único componente pulsional na dinâmica do desenvolvimento psíquico para fins de explicações mais profundas e interessantes acerca do inconsciente. De tal modo que a pulsão de autoconservação se apresenta de maneira aparentemente paradoxal nessa dinâmica. Ainda que se colocando a serviço da libido, traz como resultado de sua atuação o adiamento da satisfação libidinal, cuidando em garantir que seu próprio esforço não traga, como resultado, uma frustração (um desprazer) maior que o exatamente necessário, afim de proporcionar a realização libidinal que deve também agora se submeter ao princípio de realidade.

O par amor-ódio pode agora ser compreendido tendo em vista esse jogo pulsional entre libido e autoconservação na manifestação narcísica. O conteúdo pulsional do amor se vincula fundamentalmente a busca do eu por satisfação libidinal, sendo este originalmente narcisista, e que passa para os objetos que foram incorporados ao eu; por sua vez, o conteúdo pulsional do ódio deve encontrar sua raiz mais profunda em outro lugar. Assim, o ódio revela sua origem numa forma distinta de manifestação pulsional. Essa hostilidade projetada para fora deve ser alimentada pela pulsão de auto conservação. A manifestação do ódio teria início na fase do desenvolvimento psíquico denominado de sádico-anal, na qual a luta pelo objeto passa pelo dano e pelo aniquilamento, desenvolvimento esse que coincide com a segunda forma do narcisismo e no qual o eu, se vê investido, simultaneamente, pelas pulsões libidinais e de autoconservação.

1.3 Os mecanismos de Defesa e a Repressão (Recalque)

Como vimos, a pulsão busca a satisfação. No entanto, essa satisfação não é alcançada de maneira imediata, dada a censura que acaba modificando a pulsão. Nesse sentido, os destinos diversos pelos quais passam as pulsões são também modos de defesa. Assim, podemos definir Defesa (*Abwehr*) como o conjunto de operações cujo objetivo é manter o Eu (*Ich*) em segurança, afastando-o daquilo que, de algum modo, possa aparecer como ameaçador a ele:

Quando Freud abandona a hipnose e solicita aos seus clientes que procurem se lembrar do fato traumático sem o auxílio desse recurso, ele passa a se defrontar com um fato novo que era inteiramente ocultado pelo próprio método que empregava: a *resistência* por parte do paciente que se manifestava sob a forma de falha de memória ou de incapacidade de falar sobre o tema caso este lhe fosse sugerido. Essa resistência foi interpretada por ele como o sinal externo de uma defesa (*Abwer*) cuja finalidade era manter fora da consciência a ideia ameaçadora. A defesa nada mais era do que a censura exercida pelo ego sobre a ideia ou conjunto de ideias que despertavam sentimentos de vergonha e de dor. O que constitui a defesa é, portanto, a impossibilidade de uma conciliação entre uma representação ou grupo de representações e o ego, o qual se transforma em sujeito da operação defensiva (GARCIA-ROZA, 2009, p. 152-153).

A defesa incide sobre as pulsões; sendo mais específico, ela incide sobre os representantes ideativos que estão ligados às pulsões. As fobias são exemplos de como os representantes ideativos ligados às pulsões são afastados, vinculando esta carga afetiva à outra representação.

Freud se recusava a usar o termo defesa vinculado às neuroses atuais, pois considerava que uma coisa são as neuroses de defesa que visam manter a segurança do Eu (que pode gerar uma neurose do tipo fobia), e outra coisa são as neuroses atuais, que resultam das maneiras pelas quais o organismo trabalha para reduzir qualquer aumento de tensão. Desse modo, o conceito de defesa não pode se reduzir à mera regulação da tensão.

Na obra Projeto de uma psicologia científica (1895)¹⁰, Freud buscou investigar um problema que o inquietou nos estudos das diversas psiconeuroses, a saber, o

¹⁰ Texto pré-psicanalítico no qual Freud apresenta uma tentativa robusta de modelização do Mental que poderíamos chamar de *quase* mecânica, ou de mecânico-biológico, pois ambos os modelos, o mecânico e o biológico, se fundem nessa construção teórica de cunho extremamente especulativo. Essa modelização parte de dois pressupostos fundamentais: primeiro Freud considera algo que apresente as mesmas propriedades de uma quantidade física, a 'Q', que é definida como uma diferença entre atividade e repouso, ainda que essa quantidade não possa ser mensurada; mas Freud também considera um substrato material, os neurônios, por meio do qual essa 'Q' possa se

problema de como é possível conceber a defesa do ponto de vista da recusa da descarga. As soluções apresentadas ao problema são: (1) a recusa da descarga se explica pelo fato de que aquilo que é prazeroso para um sistema é desprazeroso para o outro (por diferenciação tópica); (2) a recusa da descarga se explica pelo fato de existir um antagonismo pulsional entre pulsão do Eu e pulsões sexuais, estabelecendo a noção de conflito psíquico (postulado dinâmico, 1910-1915).

Com relação à fuga de um objeto hostil, ela é uma forma bastante eficaz de defesa. Mas no que diz respeito àquilo que se mostra como ameaçador no interior do mundo psíquico, a fuga motora não apresenta a mesma eficácia. Assim, a Defesa deve ser entendida como um tipo de fuga psíquica, tão eficaz quanto maior for sua capacidade de afastar o desprazer do mundo psíquico. De imediato há um primeiro conflito entre a pulsão libidinal e a afirmação do Eu que, por meio de seu imperativo de autoconservação, se vê diante da obrigação de ter que administrar os objetos externos frente aos ditames da libido. O resultado é um refreamento, tanto quanto for possível, da libido de modo a garantir que o objeto de satisfação se coloque efetivamente e convenientemente ao alcance da ação que promova a descarga pulsional. Inevitavelmente essa situação traz consigo sua carga de desprazer, resultado do retardo da satisfação libidinal.

Quando se trata do conceito de repressão (recalque ¹¹), podemos compreendê-lo como um tipo específico de defesa que consiste na operação que visa manter certas representações no inconsciente ou mantê-las afastadas da consciência. Desse modo, a repressão é o mecanismo sem o qual não se pode falar em inconsciente. Este mecanismo de defesa incide preferencialmente sobre os conteúdos de ordem sexual ou a conteúdos que, de algum modo, se vinculam a conteúdos sexuais; isto ganha uma explicação dinâmica a partir de 1915 pela oposição das pulsões de autoconservação (pulsões do Eu) e as pulsões sexuais (pulsões do Id).

No artigo A Repressão (1915), Freud faz uma análise da repressão elaborando algumas características desse processo. Para ele, a repressão

manifestar, segundo certas leis fundamentais (Princípio de Inércia Neurônica/Princípio de Constância).

¹¹A repressão (Recalque) - (*Verdrängung*), visto pelo seu significado específico, pode ser mais bem compreendido como um dos modos de Defesa, particularmente perceptível na histeria de conversão. Neste caso, observa-se o afastamento dos representantes ideativos ligados às pulsões que são, por algum motivo, tidos como possíveis geradores de conflito psíquico. Quando tomado num sentido lasso aproxima-se do conceito de Defesa (*Abwehr*), quando tomado em seu sentido estrito torna-se a marca distintiva das diversas psiconeuroses. (Cf. LAPLANCHE J. & PONTALIS, J.-B 1985).

primordial consiste em negar entrada do representante psíquico da pulsão no consciente, produzindo uma fixação/inscrição (*Niederschrift*) da pulsão numa determinada representação; nesse sentido, a repressão primordial não incide sobre a pulsão propriamente, mas sobre seus representantes ideativos. Portanto, trata-se de uma espécie de inconsciente primário, sendo a repressão primordial uma experiência que ainda não adentrou no campo do simbólico¹², é um primeiro polo de atração: é o momento de fixação do recalque, momento este que promove a separação do aparelho psíquico (Ics/Cs). Já na repressão propriamente dita, é unido a esta atração primitiva da repressão primordial um processo de censura do Ego, buscando impedir a chegada de certas representações à consciência. Somente quando a inscrição (o que foi fixado primordialmente) tenta passar ao simbólico é que a repressão propriamente dita atuará. Desse modo, a repressão primordial possibilita a repressão propriamente dita (secundária), e esta incide sobre os derivados psíquicos da representação atingida pelo reprimido primordialmente – é o responsável pela manutenção do sistema inconsciente enquanto formado pelo reprimido.

Freud sustenta que na repressão (recalque), os destinos das pulsões deverão ser analisados em duas frentes relativamente independentes: de um lado temos o componente ideativo da pulsão, de outro, seu fator quantitativo, o montante afetivo (*Affektbetrag*) ligado à pulsão. Com isso, a repressão assumirá diversas atuações a depender dos destinos que tanto o componente ideativo como o montante afetivo alcançarem. Com relação ao componente ideativo, o mecanismo de repressão atua no sentido de afastá-la da consciência; diferentemente do que ocorre com o montante afetivo, que comporta três destinos possíveis: “O instinto (Pulsão) é inteiramente suprimido, de modo que dele nada se encontra, ou aparece como um afeto, qualitativamente nuançado de alguma forma, ou é transformado em angústia” (FREUD, 2010, p. 92). Desse modo, um estudo do mecanismo de repressão é possível a partir da constatação da falha no processo.

De acordo com Freud, quando se trata de analisar os sintomas que surgem no processo de repressão, podemos compreendê-los como sendo os resultados dessa falha no processo de repressão nos diversos tipos de psiconeuroses; tais sintomas se apresentam como substitutos para os componentes pulsionais que

¹²Cf. FREUD, 2010c.

passaram pelo processo de repressão mas que não obteve êxito em fugir do desprazer.

Para Freud, a formação de substitutos que, por sua vez, leva ao aparecimento dos sintomas são resultados de um retorno do reprimido, sendo este o reaparecimento do conteúdo recalçado através de caminhos desviados e por intermédio de derivados que escapam, e que se constitui por sinais, representações e afetos vinculados ao reprimido e que se manifestam conscientemente. Tais sintomas podem ser de todo tipo: atos falhos, sonhos, tiques, compulsões, fobias, alucinações, delírios, etc.

Diferentes destinos são identificados por diferentes formações de substitutos vinculados à quota de afeto da pulsão, o que torna possível associar tipos de sintomas a tipos distintos de psiconeuroses, sendo a repressão (recalque) um processo que possui certa mobilidade e um caráter contínuo:

Cada derivado do recalçado tem sua vicissitude especial. Assim, um determinado derivado pode vir a constituir uma perversão enquanto outro derivado constituirá uma obra de arte. Essa é a razão pela qual Freud afirma que o recalçamento é um processo não só individual como também extremamente móbil. Além do mais, o recalçamento não é um processo que ocorre uma vez e daí por diante o destino do representante recalçado esteja definitivamente selado. Ele exige um dispêndio permanente de força, de tal forma que qualquer relaxamento poderá ter como resultado o afloramento do recalçado a nível da consciência (GARCIA-ROZA, 2009, p. 164).

Assumindo um ponto de vista estritamente teórico, é possível localizar nas manifestações exemplares da histeria de conversão uma repressão na qual o montante afetivo foi completamente suprimido, concomitantemente a uma inervação, descarga sensorial ou motora, que agora toma o lugar desse montante afetivo como seu substituto (sintoma). Esta inervação desempenha, a partir de então, o papel de substituto para a quota de afeto da pulsão libidinal, tornando-se um sintoma histérico.

Freud (1915) aponta que, na histeria de conversão se verifica o fracasso da repressão quando esta é avaliada, tão somente, a partir da ampla formação de substitutos (sintomas). Porém, do ponto de vista que se preocupa apenas com a supressão ou com o afastamento do desprazer e, portanto, que considera apenas a diluição do conflito psíquico, a histeria de conversão, especialmente naqueles casos

em que se verifica o que Charcot denominou de *bela indiferença* dos histéricos¹³, ocorre um êxito completo, dado o desaparecimento total da quota de afeto.

Na histeria de angústia, o representante ideativo da pulsão libidinal também ganha um substituto (pai → lobo)¹⁴ por um processo denominado de deslocamento; somando-se a isso, a quota de afeto correspondente é transformada em ansiedade, vinculando-se ao substituto (lobo) da ideia original (pai) e dando origem ao sintoma (fobia de lobos). Neste caso, o mecanismo de repressão falha completamente, pois ocorre uma intensificação do desprazer devido à constante retomada de evitação da ansiedade.

No último quadro clínico apresentado no artigo sobre a repressão, o da neurose obsessiva, Freud identifica um impulso hostil (ou sádico) contra alguém próximo (ou amado) que será reprimido em dois momentos:

Aqui ficamos em dúvida, a princípio, sobre o que devemos considerar como representante submetida à repressão, se uma tendência libidinal ou uma hostil. A incerteza vem de que a neurose obsessiva tem por pressuposto uma repressão, por meio da qual uma tendência sádica tomou o lugar de uma afetuosa. É esse impulso hostil para com uma pessoa amada que é sujeito à repressão. Numa primeira fase do trabalho de repressão, o efeito é bem diferente do que será depois. De início, o êxito é completo, o conteúdo ideativo é rechaçado e o afeto é levado a desaparecer. Como formação substitutiva se verifica uma mudança do Eu, a elevação da conscienciosidade, que não se pode chamar exatamente de sintoma. (...)Mas a repressão, inicialmente boa, não se sustenta, e com a progressão das coisas o seu fracasso ressalta cada vez mais. A ambivalência, que permitiu a repressão através da formação reativa, é também o lugar onde o reprimido consegue retornar. O afeto desaparecido volta transformado em angústia social, angústia da consciência, recriminação desmedida, a ideia rejeitada é trocada por um *substituto por deslocamento*, com frequência deslocamento para algo menor, indiferente (FREUD, 2010, p 71-72).

No primeiro momento, fase inicial da repressão, a formação do substituto não aponta para um sintoma. A repressão, neste primeiro momento, é inteiramente cercado de êxito, inicialmente em que os componentes ideacional e afetivo se encontram completamente afastados da consciência pela intensificação do oposto (formação reativa). Já em um segundo momento, a repressão perde o êxito originalmente conquistado na medida em que o montante afetivo volta a se manifestar, dessa vez na forma da ansiedade direcionada para dentro e/ou para fora do ego e aparecendo como censura social e/ou individual. O componente ideativo da pulsão encontra um substituto em idéias que representam aspectos sobre os quais

¹³ Cf. FREUD 2010g.

¹⁴ Cf. FREUD 2010h.

essa ansiedade social, moral e autocensura recaem. E, assim como nas outras psiconeuroses, a formação de substitutos pode se mostrar bastante diversificada e onerosa, consumindo grande parte da energia psíquica na tentativa de evitar ou diminuir a ansiedade. São observadas, em grande número, ações ritualísticas e fórmulas linguísticas cuja característica mais marcante é repetição exaustiva.

1.4 A primeira tópica freudiana: a comunicação entre os sistemas Ics, Cs e Pcs

No artigo de 1915, intitulado *O Inconsciente (das Unbewusste, unbewusst¹⁵)*, Freud irá retomar a tarefa de explicitar, o mais completamente possível, a ideia de que não é possível compreender de maneira satisfatória o funcionamento psíquico sem se comprometer desde o início com a suposição de que é nos elementos e processos psíquicos que escapam, total ou parcialmente, ao âmbito da consciência que podemos e devemos buscar as suficientes justificativas causais e o necessário modelo explicativo para os fenômenos psicológicos normais e patológicos.

O contexto em que o artigo aparece indica um momento crítico no desenvolvimento do arcabouço teórico que sustenta sua psicologia. Freud entendeu que não seria possível colocar fim às inúmeras lacunas observadas no seio da teoria e, por conseguinte, não seria possível levar sua psicologia ao nível explicativo por ele pretendido, sem que fosse empreendido esse esforço imediato no sentido de obter uma maior precisão conceitual do inconsciente. Ainda assim, talvez o maior mérito de *O Inconsciente* não esteja tanto na conquista definitiva da precisão conceitual pretendida, mas sim, como veremos mais adiante, em ter permitido a Freud uma oportunidade de reflexão tal que possibilitou a recondução de seu modelo psíquico por um caminho absolutamente revitalizador.

A análise anterior do processo de formação de substitutos nos permite agora colocar um questionamento crucial para uma compreensão mais clara do que seja o inconsciente: seria o inconsciente aquilo que passou pelo processo de repressão, e portanto, seria reduzido ao reprimido? Ou o Inconsciente seria algo anterior aquilo que passou pelo processo de repressão e, por isso, mais amplo, ultrapassando as fronteiras do recalcado? Imediatamente, Freud nos alerta de que o inconsciente não pode ser reduzido ao recalcado, dado que, além de ser constituído pela relação do

¹⁵ Cf. LAPLANCHE, PONTALIS. 1970

sujeito (Eu) com o mundo externo, abarca também aquilo que está presente no indivíduo desde antes dessa relação se estabelecer, portanto, desde antes do conflito entre o Eu e a pulsão, pois “Tudo que é reprimido tem de permanecer inconsciente, mas constatemos logo de início que o reprimido não cobre tudo que é inconsciente. O inconsciente tem o âmbito maior; o reprimido é uma parte do inconsciente.” (FREUD, p. 100, 2010d). Tendo em vista que não se pode rejeitar a suposição do inconsciente, dadas as inúmeras lacunas da consciência e dados os riscos de uma fisiologia psicológica (paralelismo psicofísico), Freud considera que há atos psíquicos puramente inconscientes; atos que ressignificariam de maneira muito mais precisa aqueles outros como os sonhos, as parapraxias, assim como as diversas formas de psicopatologias.

Na primeira tópica de sua teoria, Freud buscou se aprofundar no estudo do que acarretava os ataques histéricos e seus sintomas, sustentando, por meio da observação clínica, que os histéricos não tinham consciência das causas dos ataques, o que o levou a constatar que o fator determinante dos sintomas – que não possuem raiz no corpo – estaria no inconsciente como uma representação “escondida”, que não se manifestava na consciência. Desse modo, o paciente era incapaz de recordá-la, mas que, dependendo das circunstâncias, podem se tornar conscientes. Uma questão que se coloca então é: como uma ideia, estando no inconsciente poderia ter a capacidade de se tornar consciente, ou seja, ser pré-consciente? Veremos mais adiante as hipóteses sustentadas por Freud para explicar como se daria esse processo de conscientização de uma ideia.

Para evitar a ambiguidade no emprego das palavras consciente e inconsciente, em certos momentos usadas em um sentido descritivo e, outras vezes, em sentido sistemático, Freud faz uso das siglas Cs e Ics para se referir exclusivamente ao sentido sistemático. E estabelecida esta distinção, já é possível apresentar o sistema Ics discriminando suas características próprias, tais como: processo psíquico primário, no qual a energia circula livremente de uma representação para outra (deslocamento e condensação); é governado pelo princípio de prazer; ausência de contradição; atemporalidade psíquica; substituição da realidade externa pela interna. O sistema Cs se caracterizaria pelo processo secundário, pelo investimento mais estável das representações, por ser governado pelo princípio da realidade e, por isso, é obrigado a desviar e adiar a busca pela satisfação, pela consideração da ordem do tempo e pela importância concedida à

negação (contradição). E posto esta sucinta apresentação dos sistemas Cs e lcs, podemos passar a considerar os possíveis desdobramentos do mecanismo da repressão segundo o viés interpretativo das hipóteses topográfica e funcional.

1.5 Os pontos de vista topográfico e dinâmico/funcional

Na hipótese topográfica, que assume uma descrição do psíquico que nada tem a ver com localização anatômica, a conscientização de uma ideia pertencente a lcs redundaria na geração de um novo registro em Cs, o que indica uma dupla inscrição, ocorrendo uma nova inscrição da representação paralelamente à inscrição original que continua existindo. Podemos compreender então que a hipótese topográfica se mostra mais maleável, dada a facilidade com que a força imagética da metáfora espacial é capaz de descrever um processo como este. No entanto, na observação clínica, Freud observou suas óbvias limitações, pois desde o início ficou bastante patente para ele que só através do “desvencilhamento adequado do processo de repressão é que a representação psíquica poderia ser resgatada do lcs passando, então, a poder habitar o sistema Cs e, deste modo, pondo fim ao sintoma através da descarga adequada de afeto” (SANTOS; SILVA, 2015, p. 181)

Não obstante a plasticidade da hipótese topográfica, esta acaba cedendo rapidamente lugar, sem ser completamente excluída, à hipótese funcional:

Na hipótese funcional a distinção e a comunicação entre os sistemas Cs e lcs se dão por meio de uma mudança no estado e na dinâmica da representação. Essa mudança se refere à retirada ou ao acréscimo de investimento Cs ou lcs da representação. Considera-se agora o acréscimo de investimento Cs, e não a criação nele de um segundo registro, para que ocorra a conscientização da representação. O inverso disso, o desinvestimento Cs de uma representação traria, como consequência, o seu afastamento da consciência. Assim, na repressão propriamente dita, a pós-repressão, é o investimento Cs (ou Pcs), que é retirado da representação, enquanto que na repressão primária não se verificaria tal retirada, pois nela nunca houve investimento a partir de Cs (SANTOS; SILVA, 2015, p. 181-182).

De um ponto de vista ontológico, o do ser inconsciente, o problema sofreu um simples deslocamento de um âmbito teórico para outro. Contudo, para a teoria nela mesma, essa alteração implica em consequências importantes, genericamente expressas na forma de uma reconfiguração terminológica que permitirá uma ampla

reestruturação teórica do funcionamento do psíquico, culminando numa melhor demarcação do que até agora foi denominado como consciente e inconsciente.

1.6 O conceito de contrainvestimento e o ponto de vista econômico

Antes de chegar a essa ampla reestruturação de sua teoria, Freud observa que a nova maneira de entender e falar sobre o processo de repressão (segundo a hipótese funcional) é ainda insuficiente, uma vez que não responde a duas questões fundamentais, “1) Por que a ideia que foi afastada da consciência através da retirada de investimento (*Besetzung*) Cs, não buscaria agora adentrar no Cs, agora por meio de investimento Cs? 2) O que dizer daquelas ideias originariamente lcs que, portanto, nunca tiveram investimento originário de Cs, de que maneira poderiam elas serem explicadas por meio do processo de repressão, uma vez que este mecanismo foi agora expresso por meio da simples atuação de investimentos?

É diante dessa problemática que Freud introduz a noção de contrainvestimento (*Gegenbesetzung*). Sua função é a de, em primeiro lugar, não permitir o avanço das representações munidas de investimento a partir de lcs, atuando como uma espécie de barreira e impedindo que o investimento lcs produza a conscientização de uma representação incompatível com Cs. Em segundo lugar, essa explicação adicional da repressão, como contrainvestimento, funcionará também para aquelas ideias que nunca receberam cargas a partir de Cs, uma vez que a repressão passa a ser entendida também como uma força que mantém constantemente longe de Cs o primitivamente reprimido.

É ele (o contrainvestimento) que representa o gasto permanente de uma repressão primordial, mas que também garante a permanência dela. O contrainvestimento é o único mecanismo da repressão primordial. Na repressão propriamente dita (a “pós-repressão”) sobrevém a subtração do investimento *Pcs*. É bem possível que precisamente o investimento retirado à ideia seja aplicado no contrainvestimento (FREUD, 2010c, p. 120).

Agora é possível entender como a hipótese funcional é capaz de dar conta, simultaneamente, tanto daquilo que passou pelo processo de repressão (a pós-repressão), como daquilo que é chamado de o originalmente reprimido. No que tange a este último, o contrainvestimento é o único mecanismo atuante; no caso do

propriamente reprimido (o recalcado), encontramos atuando, simultaneamente, tanto o contrainvestimento como a retirada de investimento Cs

A hipótese funcional permite ainda um ganho teórico adicional que se manifesta de um ponto de vista econômico, a saber: o investimento Cs retirado da representação, pela pós-repressão (o recalque) poderia justificar economicamente a origem do contrainvestimento para esta mesma ideia, assim como para o contrainvestimento e outras ideias recalçadas ou mesmo para o contrainvestimento do primitivamente reprimido. Seja como for, isso significa que, de um ponto de vista econômico, o processo de repressão sempre envolve um dispêndio energético, seja para a efetuação do recalque seja para a manutenção do primitivamente reprimido, que necessita ser justificado quanto a sua origem. A implicação psicológica disso é que esse fator quantitativo deve ser avaliado no que tange ao lucro ou prejuízo do processo de repressão; isto é, o aspecto econômico deve ser sempre considerado no que diz respeito a obtenção do prazer ou no afastamento do desprazer, assim como para a determinação dos processos normais e patológicos (SANTOS; SILVA, 2015, p. 183).

No ponto de vista dinâmico, a ênfase explicativa havia sido depositada no poder de atuação dos processos psíquicos, sua atividade, seus movimentos, suas relações, sua força de manifestação. Já em relação ao topográfico, a ênfase se encontrava na distinção qualitativa dos sistemas que comporiam o psíquico segundo um tipo de analogia espacial. Agora, no ponto de vista designado como econômico, o foco da explicação dos processos psíquicos se projeta sobre as considerações puramente quantitativas que sobre eles podem ser delineadas, isolando-os segundo este fator específico que, ao lado do dinâmico e do topográfico, encerrariam a totalidade de uma compreensão mais profunda e fundamental do psíquico.

1.7 Introdução da análise sobre as fantasias e as psiconeuroses

Podemos agora nos concentrar na forma como é abordada por Freud as relações ou, como ele denomina, a comunicação entre lcs e Cs. Neste sentido, sustenta que não devemos limitar esta comunicação àquilo que conhecemos como repressão. De fato, se a repressão fosse a única relação existente entre Cs e lcs, esta se limitaria a ser classificada como uma espécie de depósito de representações. Sendo assim, haja vista a hipótese dinâmica, por meio da qual se assume a influência de lcs sobre Cs, é necessário pensar que a comunicação entre lcs e Cs deve funcionar nos dois sentidos.

Diante dos chamados derivados de lcs, fica claro para Freud que uma investigação profunda da vida anímica deve sempre tentar ultrapassar os problemas

surgidos de uma descrição meramente teórica, ou esquemática, dos sistemas psíquicos. E, segundo ele, isto só é possível por meio da introdução, no interior da teoria, daqueles dados empiricamente obtidos. Na verdade, o que Ele nos diz é que não pode ainda se comprometer com sua própria teoria do modo como ela foi até agora apresentada, uma vez que ainda restam dados empíricos que necessitam ser devidamente assimilados por ela. Esta observação, que pode ser avaliada como um mero registro metodológico de sua pesquisa é, na verdade, a preparação para o anúncio de uma relativização de sua teoria; relativização que se materializa com a introdução de um grupo psíquico específico denominado de fantasia.

As fantasias possuiriam uma natureza mista, compartilhando das propriedades lcs e Cs simultaneamente. Se, por um lado, as fantasias apresentam alto grau de sofisticação e organização, revelando a atuação do pensar (processo secundário), o que denunciaria a influência de Cs sobre elas, por outro lado esse grupo psíquico insiste em permanecer às margens da consciência, trazendo consigo uma força pulsional libidinal e traços de processo primário (condensação e deslocamento), ainda que não na mesma intensidade que nos sonhos e sintomas. Essa natureza mista das fantasias que, de início, pode se apresentar como uma dificuldade e uma relativização da teoria, uma vez que torna mais difusa e ambígua as fronteiras entre lcs e Cs, será a chave para a reconsideração do critério utilizado até o momento para a caracterização desses sistemas.

No que tange à comunicação do sistema lcs com os demais, Freud é enfático ao afirmar que esta comunicação deve ocorrer de maneira ampla em ambos os sentidos, o que explicaria, em parte, a produção das fantasias. A influência das pulsões sobre elas não pode ser negada, contudo, na medida em que as fantasias são também fruto de um processo secundário, isso permitirá considerar uma argumentação em favor de algo que até o momento parecia extremamente contraditório, a saber: a afirmação de uma força pulsional inconsciente cuja origem não fosse o sistema lcs.

A verdade é que não só o psiquicamente reprimido permanece alheio à consciência, mas também uma parte dos impulsos que governam nosso Eu, ou seja, o mais forte oposto funcional do reprimido. Na medida em que nos esforçamos por uma abordagem metapsicológica da psique, temos que aprender a nos emancipar da importância dada ao sintoma “ser/estar consciente” (FREUD, 2010c, p. 134).

Isto é, a origem dessa força pulsional deveria ser localizada para além do reprimido em sentido amplo e, no entanto, mantendo-se inconsciente. E é apenas no próprio Eu que uma explicação satisfatória para este inconsciente não reprimido poderia ser encontrada. O resultado a que Freud chega é o de que, mesmo após essa tentativa de demarcação conceitual, explicitando o uso descritivo e sistemático do termo inconsciente, não é possível manter a teoria presa a essa forma de delimitação teórico-terminológica, pois existiriam aspectos inconscientes no próprio Eu e este, por tudo o que havia sido estabelecido até então, não se coadunava com o predicado de ser inconsciente. Essa diluição das fronteiras entre Ics e Cs, permitirá a Freud se emancipar dessa sistematização, principalmente por meio de uma reelaboração terminológica que assimilará os ganhos teóricos concentrados em O inconsciente (1915).

Assim, aquela descrição acima das características de Ics não poderia mais se coadunar completamente com os avanços obtidos, principalmente, através das investigações acerca do narcisismo e com a introdução das fantasias. De certo modo, o eu deveria comportar algum sentido do adjetivo inconsciente. Isto estava de acordo com a necessidade de submeter o princípio de prazer ao princípio de realidade. Ou seja, o inconsciente também deveria assimilar sua quota de negação. Mas isto só efetivaria com o abandono da antiga estrutura na qual Ics se apresentava como um sistema estanque.

1.8 A representação (*Vorstellung*) como centro das investigações

Na seção VII do artigo O Inconsciente (1915), Freud atenta, logo de início, para o fato de que uma compreensão mais abrangente do que seja o inconsciente só é possível partindo de um estudo das psiconeuroses. São os estudos sobre o narcisismo e sobre casos de esquizofrenia que permitiram a Freud reconfigurar metapsicologicamente a sua concepção de inconsciente.

Diante de alguns casos de esquizofrenia (*dementia praecox*), Freud nota uma aparente desorganização linguística desses indivíduos, acarretando numa aparente ausência de sentido de suas expressões verbais; Freud atribui essa aparente ausência de sentido ao fato de que o esquizofrênico realiza uma substituição da realidade externa pela interna. Baseando-se na oposição entre o Eu e o objeto, Freud identifica nestes casos um franco investimento da libido no Eu, caracterizando

aquilo que denominou uma regressão ao estágio narcísico que, no caso da esquizofrenia, remete à sua fase primária. Logo, a formação substitutiva nestes casos não ocorre do mesmo modo como nas neuroses de transferência, dado que nessas a libido encontra-se investindo também alguma representação de objeto.

Assim, Freud é capaz de estabelecer uma dissociação na representação do objeto em representação da coisa (*Sachvorstellung* ou *Dingvorstellung*) e representação da palavra (*Wortvorstellung*). A representação consciente do objeto consistiria, portanto, na representação da palavra em associação com a representação da coisa. Já a representação inconsciente do objeto ficaria restrita à representação da coisa tomada isoladamente. O inconsciente e, portanto, o recalcado (o propriamente reprimido)¹⁶ deve ser entendido, a partir de agora, como a renúncia da associação entre a palavra e a coisa:

Agora o que poderíamos chamar de representação consciente do objeto se decompõe para nós em *representação da palavra* e em *representação da coisa*, que consiste no investimento, se não das imagens mnemônicas diretas das coisas, ao menos de traços mnemônicos mais distantes e delas derivados. Acreditamos saber agora como uma representação consciente se distingue de uma inconsciente. As duas não são, como achávamos, diferentes registros do mesmo conteúdo em diferentes locais psíquicos, e tampouco diferentes condições funcionais de investimento no mesmo local — a representação consciente abrange a representação da coisa mais a da palavra correspondente, e a inconsciente é apenas a representação da coisa (FREUD, 2010c, p. 146).

Nas duas hipóteses anteriores (topográfica e econômica), o foco investigativo sobre o estatuto da representação não estava propriamente nelas, mas numa determinada compreensão sistêmica do psíquico; na primeira, a topográfica, atribuía-se o estatuto consciente ou inconsciente à localização da representação, na segunda, à origem do investimento, fosse ele oriundo de Ics ou de Cs (Pcs). A mudança que verificamos agora consiste basicamente num abandono parcial dessa concepção sistêmica. A representação se torna o centro das investigações. Essa mudança consiste, portanto, neste abandono parcial do ponto de vista topográfico e econômico em prol de um modelo que já estava presente desde 1891 na sua monografia sobre a afasia, perpassando pelo Projeto de uma psicologia científica (1895) e pela Interpretação dos sonhos (1900).

¹⁶ Nesse ponto fizemos referência ao inconsciente no sentido do primeiro movimento da repressão, que é o reprimido primordial. Mas, como sabemos, o inconsciente não se limita ao reprimido primordial.

Na nova hipótese explicativa baseada no modelo da fala, concebida desde os escritos pré-psicanalíticos, leva em consideração a distinção entre representação da palavra e representação da coisa. Esse novo modelo explicativo permite considerar a existência de processos inconscientes sem o custo teórico decorrente do apelo anterior a uma determinada concepção sistêmica, trazendo como benefício a dissolução das numerosas dificuldades a ela atrelada. Antes, o processo secundário estava restrito à consciência, agora se torna possível falar em processos secundários inconscientes, o que já aponta para aquilo que é consolidado em O Eu e o Id (1923).

CAPÍTULO II: AS REFORMULAÇÕES E O SURGIMENTO DA SEGUNDA TÓPICA

No capítulo anterior tivemos a oportunidade de apreciar o quanto o conceito de inconsciente foi, a um só tempo, ganhando especificidade teórica e se relativizando ao longo do desenvolvimento da psicologia freudiana, como também delineamos a sua influência nos processos psíquicos ditos normais e patológicos. Os aperfeiçoamentos propostos por Freud em sua concepção da primeira tópica acabaram por culminar e encaminhá-lo para uma nova divisão do aparelho psíquico, a segunda tópica. Esta constitui a sua última e mais sofisticada modelização do mental. Com a posterior sofisticação estrutural apresentada em *O Eu e o Id* (2011), encontramos uma compreensão mais ampla e consistente do psiquismo, segundo a ordem dos dados produzidos pelas observações.

Antes de analisarmos os avanços obtidos pelas concepções da segunda tópica, retornaremos às compreensões sobre a noção de aparelho psíquico e sobre o Eu do Projeto de uma psicologia científica de 1895, visando entender como as noções de aparelho psíquico e Eu ganham novas nuances na segunda tópica, perpassando o texto *Introdução ao Narcisismo* de 1914, que nos direcionará à mudança de foco explicativo resultante da descoberta de que o Eu possui aspectos de ordem inconsciente.

O texto pré-psicanalítico *Projeto de uma psicologia científica* e as noções ali presentes, como as de processo primário e processo secundário, são cruciais para compreendermos os primeiros delineamentos da teoria dos sonhos, delineamentos estes que serão consolidados em *A interpretação dos sonhos* (1900). Veremos que, o discurso neurológico expresso no Projeto, acaba cedendo o lugar para a decifração dos sentidos dos sonhos com a instauração do discurso psicanalítico, o qual definirá que a força do inconsciente advém sobretudo do estudo sobre os sonhos.

Ao adentrarmos na segunda tópica analisaremos como se dá a interação entre as instâncias psíquicas Id, Eu e Supereu, seus desdobramentos e avanços em relação à primeira tópica, o que nos encaminhará ao problema que abordaremos no terceiro capítulo sobre a interferência do inconsciente na moralidade e a questão do mal-estar na cultura decorrente de tal interferência. Abordaremos também o poder explicativo da nova divisão do aparelho psíquico em relação ao dualismo pulsional

apresentado em Além do princípio do prazer (2010), no qual Freud foi capaz de defender a oposição entre as pulsões de vida e as pulsões de morte.

2.1. O aparelho psíquico de 1895

O aparelho psíquico freudiano no Projeto¹⁷ é formado por neurônios que se dividem de acordo com sua função específica, sendo denominado de “sistema Φ ” aquele que tem ligação direta com a sensação. Já “ ψ ” é o sistema de neurônios responsável pelo registro da memória e que recebe estímulos tanto de Φ como do interior do corpo. Como exemplo desses estímulos endógenos temos a fome que, segundo Freud, significa um acúmulo de tensão endógena que inevitavelmente adentrará no sistema ψ , promovendo ali um aporte energético que será necessariamente sentido como desprazer, uma vez que alterou o estado anterior considerado de equilíbrio, ou de indiferença. Somente com uma ação (a ação específica) que modifique as condições ambientais (a aproximação do alimento), haverá a oportunidade da descarga dessa tensão, que então será sentida como prazerosa.

Freud sustenta que quando as “Q’s” (quantidades) endógenas ocupam neurônios ψ , rompendo a resistência das barreiras de contato, que são entendidas como um protoplasma indiferenciado cuja existência tem o efeito de dificultar a passagem das Q’s, o aumento da tensão em ψ demanda uma descarga para que haja o retorno ao estado de equilíbrio de tensão. Como ψ tem ligação com o lado motor, a ação pode ser realizada de forma imediata (ação reflexa) diante de acúmulo de tensão, o exemplo dos gritos e do choro de uma criança ao sentir fome que, de certa forma, já representa certa diminuição do estímulo, porém ψ continua a receber estímulos endógenos.

No caso da criança que, de início, é incapaz de sozinha realizar a ação que põe fim ao estímulo endógeno (aproximação do alimento), é necessário que um adulto prestativo possa interpretar o choro da criança como um “alarme” de que ela sente fome e, com isso, possa colocar o objeto de desejo (alimento) na posição adequada, suprimindo assim a sua carência. Sendo então, a vivência de satisfação o registro em ψ de todo o circuito ativado, desde o momento que se dá o estado inicial

¹⁷ A partir desse parágrafo usaremos a palavra “Projeto” para nos referir ao Projeto de uma psicologia científica (1895).

de carência até a queda da tensão, passando pelo registro mnêmico da imagem de desejo que (mãe-alimento), todos estes registros sendo acompanhados pelos respectivos da série prazer-desprazer.

Na segunda vivência fundamental, a vivência de dor, são as Q's exógenas que atingem Φ de maneira muito intensa ao ultrapassarem os limites biológicos dos nossos órgãos sensoriais. Como resultado temos, novamente, o aumento da tensão em ψ , sentido como desprazeroso (a dor). Ψ guarda um registro mnêmico do objeto que provocou o aumento repentino da tensão (objeto hostil). Novamente, a descarga reflexa da tensão terá lugar (processo primário) pelo lado motor. O circuito completo é constituído, então, pelo registro da imagem do objeto hostil, de registro da descarga motora e da série prazer-desprazer de cada etapa.

Quando da ativação, em um segundo momento, de parte do circuito de dor ou de desejo, em estado prévio de tensão do aparelho, o resultado será a ativação de todo o circuito o que, segundo Freud, implica na ativação das imagens do objeto ou do objeto hostil. Nos dois casos temos como resultado a alucinação, cujas consequências são de frustração e desamparo do organismo. O resultado biológico da alucinação é sempre negativo, pois implica em um afastamento do indivíduo com os objetos circundantes reais, este afastamento tem como resultado uma ineficiência biológica.

2.2 O Eu do Projeto de 1895

O Eu é descrito por Freud no Projeto como um agrupamento de neurônios constantemente ocupados. A origem do Eu pode ser explicada, segundo Freud, pelo fato dos estímulos endógenos ocuparem sempre um mesmo conjunto de neurônios em Ψ , quando o organismo se encontra em estado de carência. Assim, este conjunto de neurônios apresentaria uma facilitação maior em suas barreiras de contato, formando um sistema constantemente ocupado em Ψ . Essa ocupação constante do Eu no interior de Ψ apresentaria uma parte permanente e uma variável dependendo do estado de ocupação de Ψ

É para impedir o desprazer decorrente dessa confusão que uma formação do sistema Ψ se diferencia e passa a desempenhar a *função de inibição* do desejo quando se trata de um objeto alucinado. Essa formação é chamada por Freud de *ego*. O ego é, portanto, uma formação do sistema Ψ e não do sistema ω . Seu objetivo

fundamental é dificultar as passagens de Q que originalmente foram acompanhadas de satisfação ou de dor (GARCIA-ROZA, 2009, p. 56).

Desse modo, a missão mais fundamental do Eu é atuar como um inibidor de processos psíquicos primários. Essa inibição terá como resultado um processo psíquico secundário; isto é, aquele processo que se dá por influência de uma inibição do Eu. Em outras palavras, um processo psíquico secundário é aquele que ocorre quando existe um Eu atuante no sentido de inibir o processo psíquico primário, ou seja, no sentido de inibir descargas motoras reflexas. Como consequência, a importância biológica do Eu é a de, justamente, impedir a alucinação, evitando assim o estado de frustração e desamparo do organismo por ativação reflexa dos neurônios motores. O Eu do Projeto é, portanto, o guardião psíquico da vida.

É importante ressaltar que o Eu no Projeto não deve ser entendido como sujeito da percepção, pois não é ele quem permite o acesso à realidade e sim o sistema perceptivo formado pelos neurônios ω :

Portanto, não se trata do ego entendido como sujeito, como indivíduo ou como a totalidade do aparelho psíquico, mas como uma parte do sistema Ψ que possui uma função essencialmente inibidora. Sua função é impedir que o investimento da imagem mnêmica do primeiro objeto satisfatório se faça, isto é, evitar a alucinação e a consequente decepção (GARCIA-ROZA, 2009, p. 56),

Como veremos mais adiante, o Eu da segunda tópica, ao contrário do Eu no Projeto, é aquele que permite o acesso à realidade externa, sendo, portanto, sujeito da percepção.

O trabalho de inibidor que é feito pelo Eu no Projeto, evitando alucinações e desprazer, direcionou Freud a realizar a distinção entre processo primário e processo secundário, que são os dois modos de circulação da energia psíquica, contribuição que foi de suma importância no aprofundamento do estudo dos sonhos em A interpretação dos sonhos

2.3 Distinção entre processo primário e processo secundário

Do ponto de vista econômico, por processo primário Freud entende uma energia psíquica que circula livremente, na qual a descarga é imediata. Por processo

secundário, entende uma energia psíquica ligada, a qual tem a descarga retardada ou controlada pela fuga do estímulo, sendo esse o trabalho do pensamento, do raciocínio. Desse modo, podemos compreender que o processo primário é da ordem do inconsciente, enquanto que o processo secundário é da ordem do pré-consciente/consciente.

Do ponto de vista da genética, o processo secundário é o resultado da transformação a partir do processo primário ao longo do desenvolvimento do aparelho psíquico. Tais processos são, pois, duas etapas que fazem a diferenciação do psíquico que, em sua formação original, não eram distintas. Com as vivências de dor e de satisfação e os traços mnêmicos deixados por tais experiências, juntamente com ao trabalho inibidor do Eu constantemente ocupado em Ψ para evitar o desprazer advindo a alucinação do objeto de satisfação, ocorre a diferenciação entre processo primário e processo secundário no aparelho psíquico.

Vale ressaltar que essa constante ocupação, esse acúmulo de 'Q' no Eu ao ser descarregada, proporciona o sono; nessa situação, há uma redução da 'Q', diminuindo as necessidades orgânicas, permanecendo, por hora, em estado de Inércia

É a reserva de Q acumulada no ego que, ao ser descarregada, possibilita o sono. A condição prévia dos processos psíquicos primários é, pois, a descarga do ego. Durante o estado de sono, a catexização de Ψ a partir de Φ é extremamente reduzida, já que boa parte do contato com os estímulos externos não se faz. No entanto, durante o sono há a ocorrência de um processo em Ψ ao qual Freud dedica especial atenção: é o *sonho* (GARCIA-ROZA, 2009, p. 58).

A descoberta da ocorrência desse processo psíquico denominado sonho foi fundamental para que Freud pudesse sustentar que o processo primário ocorre nele, assim como nos sintomas, de maneira privilegiada.

O que é postulado no Projeto é, em grande parte, retomado em A interpretação dos sonhos. No entanto, com a instauração do trabalho de interpretação da psicanálise, ao invés de tratar a questão do sonho numa linguagem médico-neurológica, Freud busca trabalhar na decifração do sonho, sendo este uma via de acesso ao Inconsciente.

2.4 A interpretação dos sonhos (1900)

Do ponto de vista metapsicológico, a obra *A interpretação dos sonhos*, especialmente o capítulo VII, retoma a noção de aparelho psíquico apresentada no Projeto de 1895. No entanto, algumas diferenças foram fundamentais para a transformação no interior da teoria da mente de Freud: ao invés de supor, segundo um discurso de ordem anatômico-fisiológico, uma energia que percorre os neurônios do aparelho psíquico, a tópica sustentada pela *Interpretação dos sonhos* busca focar e entender a maneira segundo a qual o desejo é distribuído nos lugares psíquicos, que não são localizações cerebrais, do aparelho (Ics, Pcs e Cs) e suas relações¹⁸.

Nessa tópica, o aparelho psíquico dividido em sistemas tem seu funcionamento marcado pelo conflito, dado as ideias que cada sistema possui e seus objetivos diversos. Desse modo, dentro do contexto da primeira tópica, a concepção sistemática do aparelho psíquico não se separa da concepção dinâmica de como o Ics, Pcs e Cs se relacionam. Desse modo:

O aparelho psíquico é, portanto, formado por *sistemas* cujas posições relativas se mantêm constantes de modo a permitirem um fluxo orientado num determinado sentido. O que importa não são, pois, os lugares ocupados por esses sistemas, mas a posição relativa que cada um mantém com os demais. O conjunto dos sistemas tem um sentido ou direção, isto é, nossa atividade psíquica inicia-se a partir de estímulos (internos ou externos) e termina numa descarga motora (GARCIA-ROZA, 2009, p. 78).

Posto isso, podemos compreender que, no primeiro esboço do aparelho psíquico, o estímulo vem pelo sistema perceptivo e percorre o aparelho em busca de um fim (descarga motora) através do sistema motor. Todavia, as percepções deixam traços de memória na extremidade sensorial. Nesse primeiro esboço, o sistema perceptivo não poderia desempenhar, ao mesmo tempo, as funções de percepção e memória. Assim, Freud introduz num segundo esboço, a compreensão de que entre um extremo (sistema perceptivo) e o outro (sistema motor) permanecem certos traços das percepções recebidas pelo aparelho psíquico, os denominando de traços mnêmicos, os quais estariam a serviço da memória, fazendo, desse modo, uma distinção entre a parte responsável pela recepção dos estímulos e a responsável pelo armazenamento dos traços mnêmicos.

¹⁸ Como vimos no capítulo anterior, no Ensaio de metapsicologia *O Inconsciente* de 1915, Freud consolida a primeira tópica do aparelho psíquico em Ics, Pcs e Cs. Nesse ensaio de 1915, Freud rompe definitivamente com a concepção posta no *Projeto*, abandonando o discurso mecânico-biológico.

No entanto, o segundo esboço do aparelho psíquico ainda se mostrava insuficiente na medida em que Freud localizara, com a noção de *Elaboração onírica*, - sendo esta o trabalho que deforma/transforma o material do sonho -, uma instância crítica que evita a chegada de certas lembranças longínquas, permanecendo, assim, inconscientes. Tal instância crítica, a pré-consciente, localizada na extremidade motora do aparelho é responsável por nossas ações voluntárias e conscientes, sendo a consciência, pois, a instância criticada¹⁹:

Descreveremos o último dos sistemas situados na extremidade motora como o “pré-consciente”, para indicar que os processos excitatórios nele ocorridos podem penetrar na consciência sem maiores empecilhos, desde que certas condições sejam satisfeitas: por exemplo, que eles atinjam certo grau de intensidade, que a função que só se pode descrever como “atenção” esteja distribuída de uma maneira dada, etc. Este é, ao mesmo tempo, o sistema que detém a chave do movimento voluntário. Descreveremos o sistema que está por trás dele como “o inconsciente”, pois este não tem acesso à consciência *senão através do pré-consciente*, e seu processo excitatório é obrigado a submeter-se a modificações ao passar por ele (FREUD, 2001, p. 462 – grifos do autor).

Nesse patamar do desenvolvimento teórico, ocorre algo de fundamental importância: a noção de Inconsciente passa a designar um sistema que forma o aparelho psíquico, deixando de ser apenas uma noção descritiva.

É no inconsciente enquanto sistema que Freud localiza os sonhos. Estes são, pois, atividades psíquicas que possuem sentido e as forças que estão em jogo para que eles se formem são os desejos. Nessa medida, a hipótese central de Freud é que os sonhos, ainda que desagradáveis, são realizações de desejo, pois o que é prazeroso para um sistema (Ics) pode não ser prazeroso para outro (Pcs/Cs), desejo este que se inscreve no campo da representação, sendo uma ideia investida de carga afetiva da pulsão, como vimos no ensaio metapsicológico *Os instintos e seus destinos* (1915). Tais realizações são disfarçadas, dado que o desejo é distorcido pelo trabalho da censura. Assim, no processo do sono, no qual há uma redução do trabalho da censura, tal desejo inconsciente une-se aos pensamentos elaborados pelos sistemas Pcs/Cs como modo de buscar acesso à consciência, no intuito de investir novamente os traços de memória da experiência outrora vivida. Tal movimento de retorno ou reativação de registros mnêmicos é chamado de regressão.

¹⁹ É importante destacar que, nesse momento de sua construção teórica do aparelho mental Freud não falava em supereu, instância crítica elaborada na *segunda tópica* em *O eu e o id* (1923)

Essa tentativa de retorno às vivências infantis por via do sistema perceptivo elaborada pelo sonho nos remete às compreensões dos sintomas neuróticos, tidos como traços de memória infantis que são reinvestidos e que, pela falha no processo de repressão, e acabam atuando como retorno do reprimido²⁰.

No desenvolvimento da segunda tópica, veremos como o trabalho de policiamento do desejo é realizado pela instância moralizante chamada supereu, a qual busca domesticar a força pulsional proveniente do Id.

2.5 A segunda tópica: Id, Eu e Supereu

Segundo a investigação realizada por Freud em O Eu e o Id, especificamente na seção II, o eu caracteriza-se como aquilo que possui uma relação direta com a percepção (Pcpt.), desenvolvendo-se a partir desse sistema que constitui o seu núcleo, mantendo, assim, uma via de acesso direto com o mundo externo. Isto coloca o Eu sob a égide do princípio de realidade.

Neste sentido, a parte mais superficial do eu, aquela mais em contato com a percepção, é a que mais facilmente se atribui a propriedade de ser consciente, dado o grande investimento externo à qual está submetida. Estamos conscientes daquilo que percebemos imediatamente; no entanto, ainda devemos considerar a situação em que a realidade não está dada na percepção, isto é, na qual não há um forte investimento externo agindo sobre a percepção. É o caso então de considerar a existência de representações que não estão imediatamente acessíveis à consciência; de tal modo que essas representações estariam sujeitas ao processo de elaboração secundária, o pensamento, de maneira independente da consciência, indicando que partes do eu poderiam ser tratadas como não conscientes, sendo este o caso do sistema Pcs, no qual anteriormente localizamos as fantasias.

Já o id é descrito como a instância que abarca as pulsões, sendo ele a parte mais nuclear do aparelho psíquico e, portanto, mais afastado da consciência. Isto, por sua vez, o remete diretamente ao princípio de prazer

O id é a parte inacessível do nosso psiquismo e suas características são descritas como opostas às do ego. Apesar de topologicamente o ego não se achar nitidamente separado do id, pois uma parte dele está fundida com o id, funcionalmente eles são bem distintos. Em um de seus extremos, o id está aberto às influências somáticas e em seu interior abriga representantes pulsionais que buscam satisfação, regulados exclusivamente pelo princípio do prazer. No id não há negação, obediência à não contradição, vontade

²⁰ Cf. FREUD, 2010c.

coletiva, juízo de valor, bem, mal, moralidade, assim como também não há temporalidade (GARCIA-ROZA, 2009, p. 207).

Posto isto, podemos compreender que a relação que se estabelece entre o eu e o id é expressa na forma de um jogo de forças entre os princípios de realidade e de prazer, no qual a satisfação continua sendo a meta, ainda que muitas vezes esta deva ser adiada por influência do princípio de realidade. O id exerce o seu papel, pressionando o eu, por meio das pulsões, obediente ao princípio de prazer. Por sua vez, partes do ego possuem o papel de regular as pulsões do id, obedecendo, dessa maneira, ao princípio de realidade. Assim, o princípio de realidade não é pura e simplesmente uma restrição do princípio de prazer, mas trabalha em consonância com ele. Nessa relação entre o eu (ou partes do eu) e o id, Freud revela que o eu age no controle das forças pulsionais presentes no id, tomando-as emprestadas dele próprio:

A importância funcional do Eu se expressa no fato de que, normalmente, lhe é dado o controle dos acessos à motilidade. Assim, em relação ao Id ele se compara ao cavaleiro que deve pôr freios à força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com suas próprias forças, e o Eu, com forças emprestadas. Este símile pode ser levado um pouco adiante. Assim como o cavaleiro, a fim de não se separar do cavalo, muitas vezes tem de conduzi-lo aonde ele quer ir; também o Eu costuma transformar em ato a vontade do Id, como se fosse a sua própria (FREUD, 2011, p. 31).

Após estas considerações, podemos nos perguntar: como algo se torna consciente sem passar pelo sistema perceptivo? E para responder essa questão Freud se volta para o modelo da fala, na qual os signos linguísticos são capazes de desempenhar o papel de substitutos das percepções. É, pois, através dos sinais da fala que se torna possível trazer à consciência aquilo que não se apresenta imediatamente via percepção do mundo externo, associando, como já fora exposto no capítulo anterior, a representação da coisa e a representação da palavra, a fim de tornar consciente a representação do objeto.

2.6 O eu e o supereu

Na seção III de O Eu e o Id, é sustentado que o eu não se reduz puramente às influências do sistema perceptivo, e que não é unicamente perante o Id que ele se confronta. Haveria, então, um particionamento do eu em supereu, ou Ideal do Eu, não diretamente ligado à consciência. Algumas considerações sobre essa

diferenciação no Eu já haviam sido apresentadas em Introdução ao Narcisismo (1914).

Foram os estudos sobre o narcisismo que deram, por assim dizer, o primeiro passo para uma investigação mais aprofundada do Eu, o que direcionou Freud a uma nova compreensão dos aspectos mentais do ser humano, culminando na chamada segunda tópica que, por sua vez, nos leva a importantes considerações sobre o psiquismo presente em O Eu e o Id.

Freud afirma que na fase oral primitiva do indivíduo o investimento objetal e a identificação entre o Eu e o objeto de desejo são tidos como indistinguíveis um do outro. De início, o Eu, que ainda não está fortalecido, por assim dizer, ao se deparar com os investimentos do objeto, ou se submete a eles ou irá reprimi-los

O amor de si característico da etapa narcísica consiste em que o sujeito não distingue a realidade do seu ego do modelo grandioso pelo qual se concebe: ele é a soma de todas as perfeições sintetizadas no ego-de-prazer. A crítica dos pais e dos educadores se encarrega de apontar as verdadeiras dimensões e capacidades do ego, o qual, para se consolar da humilhação imposta por esta lição de modéstia, elabora para si um ideal, como horizonte a atingir os limites do possível. Tal ideal não é mais que a projeção do narcisismo perdido na infância, consistindo, portanto numa formação de origem libidinal. Ao mesmo tempo, a distância entre as realizações efetivos do ego e a perfeição do modelo se torna perceptível, de sorte que a formação do ideal do ego se faz acompanhar da criação de uma instância conservadora, que critica o ego a partir dos elevados padrões derivados do modelo. Esta instância conservadora, que perpetua a crítica originalmente oriunda do mundo exterior, é o que Freud chama então de “consciência moral!”. A diferença entre esta concepção e as teorias filosóficas correntes a respeito da origem da moralidade reside no caráter *inconsciente* da ação da instância crítica, que somente em raros momentos aflora à superfície do aparelho mental e mediante este aflorar se faz consciente (MEZAN, 2013, p. 293, grifo do autor).

Podemos compreender então que a formação do assim chamado caráter do Eu, segundo Freud, adviria de um processo de substituição de objetos amados e abandonados, no qual o investimento do objeto é substituído por um investimento do próprio Eu, por meio de sua identificação com tais objetos; ou seja, um objeto perdido seria introjetado, de modo que o Eu pudesse tomar seu lugar junto ao id, grande reservatório pulsional, na tentativa de domesticá-lo.

Neste sentido, tal processo de substituição ao ser analisado pormenorizadamente, revela que sua ocorrência é mais comum do que se imaginava, principalmente no início do desenvolvimento psíquico do sujeito, o que leva a supor que, na medida em que o Eu toma para si os investimentos objetais abandonados, seu *caráter* se formaria, então, por estes investimentos que

proporcionaram tal alteração. O Eu carregaria consigo o histórico de suas escolhas objetais.

Posto isto, Freud sustenta que, independentemente de como o caráter resistirá a toda influência dos investimentos abandonados ao longo da vida, os resultados das identificações mais primitivas ²¹, realizadas na infância, são duradoras; consideração esta que já nos direciona à origem do supereu: o complexo de Édipo. E por meio dele, em suas diferentes formas, Freud é capaz de descrever a primitiva e perene identificação do indivíduo com o par parental.²² Assim, o supereu se estabelece como uma instância cuja raiz se encontraria primitivamente no complexo de Édipo, contudo estendendo-se e assimilando outros elementos para além daquelas escolhas objetais originais do indivíduo.

Neste sentido, o supereu não se limita a uma simples identificação e introjeção do objeto, é também uma recusa, uma negação, que se dá simultaneamente por meio dessa identificação e introjeção. Assim, é entendido como uma força que se coloca contrariamente a certas escolhas objetais. O supereu se vincula ao Eu, na medida em que apresenta certos limites para ele, restrições que visam a repressão do complexo de Édipo, dado que o indivíduo, na sua infância, ao identificar-se com o par parental, busca ser tal como este, sendo justamente nessa fase que se iniciam censuras e repreensões.

Vejamos então que, em comparação ao alcance explicativo da primeira tópica, ocorreram algumas modificações importantes:

Parece que, se a segunda tópica faz do ego um sistema ou uma instância, isso acontece em primeiro lugar porque ela procura ajustar-se às modalidades do conflito psíquico melhor do que a primeira teoria, acerca da qual se pode sistematicamente dizer que tomava como referência principal os diferentes tipos de funcionamento mental (processo primário e processo secundário). São as partes intervenientes no conflito, o ego como agente de defesa, o superego como sistema de interdições, o id como pólo pulsional, que são agora elevadas à dignidade de *instâncias* do aparelho psíquico. A passagem da primeira para a segunda tópica não implica que as novas <províncias> tornem caducos os limites precedentes entre Inconsciente, Pré-consciente e Consciente. Mas na instância do ego vêm reagrupar-se funções e processos que, no quadro da primeira tópica, estavam repartidos por diversos sistemas: 1) A *consciência*, no primeiro modelo metapsicológico, constituía um verdadeiro sistema autónomo (sistema w do

²¹ Tais identificações primitivas se estendem inclusive ao campo da política quando observamos uma certa tendência na escolha de líderes autoritários para governar. Esses líderes acabam servindo como um substituto da figura do pai autoritário presente na família patriarcal, revelando uma certa *necessidade infantil da proteção pai* nas massas, tal como argumenta W. Reich em *Psicologia de massas do fascismo*, 2001.

²² Cf. FREUD, *O Eu e o Id e outros textos*, 2011a. Para maiores esclarecimentos acerca das formas assumidas pelo complexo de Édipo.

Projecto de uma psicologia) para em seguida ser ligada por Freud, de uma forma que nunca deixou de conter dificuldades ao sistema Pcs (ver: Consciência); agora ela vê sua situação tópica determinada: é o <núcleo do ego>; 2) As funções reconhecidas ao sistema *Pré-consciente* são, na maior parte englobadas no ego; 3) O ego, e é este o ponto que Freud mais insiste, é em grande parte *inconsciente* (LAPLANCHE, PONTALIS, 1985, p. 182-183, grifos dos autores).

Podemos compreender então que, com o alargamento da noção de inconsciente realizado pela segunda tópica freudiana do aparelho psíquico, a qualidade de “ser inconsciente” não é mais unicamente pertencente a um sistema (lcs), visto que tal qualidade perpassa as instâncias Id, eu e supereu. No entanto, é importante ressaltar:

a) Que as características reconhecidas na primeira tópica ao sistema lcs são de um modo geral atribuídas ao Id na segunda; b) Que a diferença entre o pré-consciente e o inconsciente, embora já não esteja baseada numa distinção inter-sistêmica, persiste como distinção intrasistêmica (o ego e o superego são em parte pré-conscientes e em parte inconscientes) (LAPLANCHE e PONTALIS, 1985, p. 306).

Nesse sentido, percebe-se que não há uma eliminação da distinção entre consciente e inconsciente com ampliação teórica advinda da segunda tópica. No entanto, tal distinção por si só não consegue dar conta das novas descobertas, dado que o Eu não se esgota na consciência.

Já com relação à origem do supereu, Freud enfatiza dois fatores cruciais em O eu e o id, um de cunho biológico e o outro de ordem histórica; o primeiro aponta para a dependência característica do indivíduo humano nos seus primeiros anos de vida, o segundo relacionado à repressão do complexo de Édipo, processo este que se mostrou necessário para o desenvolvimento histórico-cultural do homem desde seus primórdios²³.

Na medida em que o ser humano cresce e se desenvolve no meio social, nota-se de maneira cada vez mais nítida como o supereu se manifesta, exercendo sua influência mesmo por meio de sua dissolução. As figuras de autoridade, seja a de um pai, a de um professor, e de outros, passam a fazer parte, como substitutos, no ideal do eu, criando as condições para uma série de modelos de conduta, expressando as permissões e proibições que atingem diretamente a formação do supereu:

E não se trata de uma autoridade qualquer: é a autoridade do Outro que se imprime em cada um de nós, governando com mão de ferro o

²³ Cf. FREUD, 2011.

jogo das pulsões e transformando o pequeno animal que vem ao mundo, fruto de um homem e de uma mulher, num ser propriamente humano (MEZAN, 2013, p. 206).

Vale ressaltar que tais condições criadas pela figura do Outro na introjeção dos modelos de condutas leva a supor que, na formação do supereu, a própria questão da verdade está em jogo, dada a valoração de certos modos de comportamento na cultura.

Essa gradação no eu, o supereu, representa aspectos sumamente importantes tanto em um nível de análise ontogenético como filogenético (fatores histórico e biológico do desenvolvimento humano, respectivamente). É possível a Freud lançar suposições acerca da origem e da sustentação das relações sociais complexas, tais como aquelas que dizem respeito tanto à moral como à religião, dado que o supereu estaria na fundação daquilo que constitui o que há de mais elevado no indivíduo. Posto isto, entendemos que é por meio da formação do superego que aquilo que fazia parte do mais baixo na vida psíquica do indivíduo (as pulsões) se converte naquilo que é mais nobre (valores, ideais) no homem.

2.7 A dinâmica pulsional Eros e Tânatos

Na seção IV de *O Eu e o Id*, Freud se pergunta sobre o poder explicativo dessa nova estrutura do mental dividida em três instâncias id, eu e supereu, em relação ao dinamismo pulsional segundo o seu novo dualismo apresentado em *Além do princípio do prazer*, sendo este o texto que Freud traz como tema de especulação a vida e a morte, aproximando bastante a metapsicologia da metafísica. Nele, Freud constrói as noções de pulsões de vida e pulsão de morte.

Segundo seu novo dualismo pulsional, a primeira classe de pulsões abarcaria, além das pulsões sexuais (*Sexualtrieb*), também as pulsões de autopreservação (*Selbsterhaltungstribe*), estando estes vinculados diretamente ao eu. No que diz respeito à segunda classe, Freud admite a dificuldade em apontar em que precisamente ela consistiria, vindo finalmente a considerar o sadismo como seu representante. Tudo sustentado por suas especulações de ordem biológica que culminaram na afirmação da pulsão de morte (*Todestriebe*), o qual possui uma tendência a reduzir completamente a tensão psíquica. De maneira ampla, ambas as pulsões apresentariam um caráter conservador, no sentido de reestabelecer um

primitivo estado de coisas, o inorgânico, Eros por meio de seu princípio aglutinador, Tanatos, através de seu princípio desaglutinador, cuja manifestação máxima seria a destruição da própria vida.

Este surgimento seria, então, a causa da continuação da vida e, ao mesmo tempo, da aspiração pela morte, a própria vida sendo luta e compromisso entre essas duas tendências. A questão da origem da vida permaneceria cosmológica, a da finalidade e propósito da vida seria respondida de forma dualista (FREUD, 2011, p. 51).

Um dos problemas teóricos de Freud com relação à nova dinâmica pulsional, refere-se à explicação da ambivalência (Amor-Ódio) que está presente tanto na vida normal como na vida neurótica, sendo esta última o foco dos seus estudos. Para uma melhor compreensão dessa questão, Freud lança mão de um recurso teórico que nomeou de energia deslocável; trata-se de uma energia livre, sem qualidade que, por esse motivo, pode se colocar a serviço de Eros ou Tanatos.

Ao passo em que aponta para as várias consequências da dinâmica pulsional entre Eros e Tanatos, Freud constata que a sua nova estrutura é capaz de fornecer uma explicação mais apropriada para as diversas neuroses, assim como para os processos normais, possibilitando uma compreensão teórica da sublimação, da ambivalência, do masoquismo e do sadismo.

Na quinta e última seção de O Eu e o Id intitulada As relações dependentes do Eu, Freud se prepara para inserir, em sua nova estrutura teórica, aquilo que se tornou conhecido como sentimento de culpa (*Schuldgefühl*) consciente ou inconsciente, e que aqui irá desempenhar um papel vital para uma melhor compreensão das relações entre as instâncias id, eu e supereu. Para tanto, o recurso de uma exposição esquemática das neuropatologias servirá mais uma vez como estratégia argumentativa em favor de seu ponto de vista que agora, assim rearticulado segundo esta nova estrutura, aponta para uma generalização que será capaz, segundo ele, de abarcar uma série de estados psíquicos.

Antes disso, contudo, Freud recupera a descrição antecedente que delimita o supereu como instância limite entre o eu e o Id. A maior parte do eu, portanto, seria constituída a partir daquelas identificações que ocupam o lugar dos investimentos abandonados pelo id, sendo a primeira delas realizada na mais tenra infância e, por isso, adquirindo um lugar especial em relação ao eu, o supereu. E essa posição especial do supereu em relação ao eu, deve ser considerada da seguinte maneira: de um lado, o supereu remete a uma identificação realizada numa fase da vida

anímica na qual o eu ainda se mostrava fraco; ao mesmo tempo essa primeira identificação remete ao complexo de Édipo, significando que ela se refere àqueles objetos de maior significância para o eu na medida em que definirão suas relações com o supereu e com seus futuros enriquecimentos.

Tecidas essas considerações, Freud parte para a exposição do papel desempenhado pelo sentimento de culpa em três situações de neuropatias distintas, todas elas, contudo, caracterizadas por este fator em comum, apontada por aquilo que ele denominou de reação terapêutica negativa. Isto é, descartando o lucro possível oferecido pela doença, as pretensões de superioridade do paciente diante do médico, o que sobra ainda é suficiente para demarcar o sentimento de culpa como o principal fator atuante na resistência a análise.

Freud percebe, então, que está lidando com uma força que não encontra nada que lhe oponha e que é capaz de constituir um enorme obstáculo a análise, dado que se trata aqui, na verdade, de uma imposição moral bastante acentuada. Digno de nota é que os pacientes encontram em sua doença um substituto para o sentimento de culpa, não se dando conta, algumas vezes, da real causa do seu sintoma, obstruindo assim um caminho direto para seu sentimento de culpa inconsciente

Daí uma forte reação do superego, visando conter os impulsos assassinos do id, e tendo como consequência no ego a aparição de formações reativas, que correspondem a resultados da defesa (...). A pressão de um id exacerbado e a contrapressão de um superego igualmente exacerbado resultam numa luta perpétua para manter as repressões, tanto mais necessárias quanto mais repulsivas se tornam as exigências da sexualidade aos olhos da consciência moral hipertrofiada. Esse combate sem trégua acaba paralisando o ego, não sem antes impeli-lo a buscar nos sintomas a satisfação substitutiva que se tratava de evitar, evidenciando assim o fracasso da repressão (MEZAN, 2013, p 323).

Freud entende, pois, que o sentimento de culpa consciente normal se configura como o efeito de uma recriminação do supereu e que é percebida como tal no eu, sendo facilmente observado em circunstâncias comuns do dia a dia, não constituindo este seu interesse principal, que se voltará prioritariamente para o sentimento de culpa inconsciente entendido como patológico, isto é, aquele que se mostra de maneira superintensa nas neuroses em geral, particularmente na neurose obsessiva, manifestando-se como repetição compulsiva, e na melancolia.

Seja como for, o sentimento de culpa inconsciente deve ser considerado sempre, em algum grau, um fator relevante a ser considerado em qualquer que

sejam os casos de neurose, mas de maneira mais paradigmática no que diz respeito aos estados histéricos. Em tais casos, o eu se volta contra a crítica do supereu, afastado-a da consciência por meio da repressão, cujo resultado é a formação de substitutos que muito frequentemente adotam a forma dos investimentos motores. A dita indiferença histérica pode ser facilmente relacionada a uma ausência do sentimento consciente de culpa, evidenciando-se pela aparente ausência de um compromisso moral, o que, por outro lado, se mostra conscientemente presente nas outras formas neuróticas acima assinaladas.

Do ponto de vista metapsicológico, Freud resgata seu conceito de pulsão de morte (Tanatos) estabelecido desde *Além do princípio do prazer* (1920), e que polariza com a Pulsão de vida (Eros). É importante ressaltar que, nesse texto, Freud sustenta que, no ser humano, não existe uma espécie de impulso que nos direcione a perfeição ou uma espécie de tendência interna à perfeição, à busca por melhoria nos mais diversos âmbitos da vida. A polarização da vida psíquica se dá entre pulsão de vida e pulsão de morte, sem qualquer crença num impulso para a perfeição. O que a humanidade construiu de mais elevado na civilização se deu, de acordo com Freud, a partir do processo de repressão.

Para muitos de nós pode ser difícil abandonar a crença de que no próprio homem há um impulso para a perfeição, que o levou a seu atual nível de realização intelectual e sublimação ética e do qual se esperaria que cuidasse de seu desenvolvimento rumo ao super-homem. Ocorre que eu não acredito em tal impulso interior e não vejo como poupar essa benevolente ilusão. A evolução humana até agora, não me parece necessitar de explicação diferente daquela dos animais, e o que observamos de incansável ímpeto rumo à perfeição, numa minoria de indivíduos, pode ser entendido como consequência da repressão instintual em que se baseia o que há de mais precioso na cultura humana (FREUD, 2010e, p. 209-210).

O novo dualismo pulsional proposto por Freud permite a descrição do aparelho psíquico em termos suficientemente gerais para a acomodação das neuroses do eu (neuroses narcísicas). A Pulsão de Morte nasce do conceito de repetição que revela uma tendência ao retorno inorgânico. Podemos compreender a questão da repetição nas neuroses do eu da seguinte forma:

O objetivo do processo primário representa a circulação desta energia [energia livre], enquanto o objetivo do processo secundário é exatamente ligá-la e canalizá-la para objetos e finalidades consentâneas com o ego. A repressão tem por efeito indesejado o abandono da carga afetiva – ou pulsional – do elemento reprimido às mãos do processo primário, o que significa que a domesticação característica do processo secundário jamais o

atinge. Quando um paciente repete na transferência os momentos dolorosos do seu passado, esta ação é uma prova de que aquilo que se repete não foi ligado, isto é, não foi subsumido no ego, e portanto escapa ao processo secundário. Dito de outra forma, a repetição é o regime normal da pulsão em estado livre, pois é contraditório supor que a tal repetição se siga a absorção no ego: as resistências se encarregam de impedi-lo. É desta forma que o quebra-cabeças pode ser ordenado: na neurose traumática, em que não houve repressão, a excitação tem que ser dominada pela repetição, que portanto atua a serviço do Princípio do Prazer; mas nas neuroses de transferência, cuja precondição é a repressão, o que se repete é a própria pulsão impedida de se manifestar de outra forma pela barreira repressiva (MEZAN, 2013, p 257-258).

Desse modo, a pulsão tende a uma volta àquele estado de não perturbação pelas forças externas, que causaram um abalo, por assim dizer, e se manifestando através da repetição compulsiva.

Do ponto de vista clínico das neuroses, ao se alojar no supereu por meio das primeiras identificações edipianas, acaba criando as condições para a atitude tirânica do supereu em relação ao eu, sendo o sentimento de culpa a percepção consciente dessa agressividade do supereu.

As especulações de Freud, unidas às suas próprias observações, o conduzem no sentido da constatação de que a pulsão de morte acaba por estimular o eu à sua autodestruição quando não encontra um objeto por meio do qual poderia ser canalizada para o mundo externo. Este é o caso da melancolia, na qual o eu se submete inteiramente à crítica imposta pelo supereu. Por sua vez, na neurose obsessiva a agressividade consegue encontrar uma saída para o mundo externo, por meio das diversas manias. Nos dois casos, o supereu se coloca diante do eu como uma instância supermoral, sendo aquela que submete o desejo à interdição. Por sua vez, o id se coloca como uma instância amoral, o eu se vê assim diante da difícil tarefa de ter de atender aos interesses mutuamente opostos do id e do supereu, sendo pressionado por ambos os lados:

Do ponto de vista da restrição instintual, da moralidade, pode-se dizer que o Id é totalmente amoral, o Eu se empenha em ser moral, e o Super-eu pode ser hipermoral e tornar-se cruel como apenas o Id vem a ser. É notável que o homem, quanto mais restringe sua agressividade ao exterior, mais severo, mais agressivo se torna em seu ideal do Eu. Para a consideração habitual é o oposto, ela vê na exigência do ideal do Eu o motivo para a supressão da agressividade. Mas o fato permanece como o enunciamos: quanto mais um indivíduo controla sua agressividade, tanto mais aumenta a inclinação agressiva do seu ideal ante o seu Eu. É como um deslocamento, uma volta contra o próprio Eu. Já a moral comum, normal, tem o caráter de algo duramente restritivo, cruelmente proibitivo. Daí vem, afinal, a concepção de um ser superior que pune implacavelmente (FREUD, 2011, p. 68).

Segundo Freud, o eu não é somente uma instância que se coloca a serviço do id para o cumprimento do princípio do prazer, mas o faz no sentido de domá-lo e submetê-lo ao princípio de realidade. Neste sentido, na medida em que o eu busca impor a realidade ao id, ele o faz cedendo parte de suas próprias catexias ao id - as primeiras identificações, assim como as decorrentes destas -, de modo que, assim procedendo, fornece as condições para a edificação e fortalecimento do supereu que, a partir daí, se tornará tanto mais repressor quanto maior for a intensidade das catexias provindas do id. Podemos dizer que existe uma relação direta entre a moralidade e a intensidade com que o id se faz presente, desde sempre, na constituição psíquica do indivíduo. De modo que, podemos dizer que a moralidade humana é uma decorrência direta de sua imoralidade e, citando Freud, “[...] o homem normal não é só muito mais imoral do que acredita, mas também muito mais moral do que sabe [...]”²⁴.

²⁴ Cf. *O eu e o id* (2011a).

CAPÍTULO III: O PROCESSO DA MORAL CIVILIZATÓRIA E A PULSÃO DE MORTE

No presente capítulo, buscaremos compreender o cerne da noção de compulsão à repetição posta em *Além do princípio do prazer* (1920) como um esforço para voltar ao que é primitivo. Tal estado primitivo, como veremos, remete ao contexto da fundação da vida em sociedade com o parricídio na horda primeva²⁵, episódio esse que funda a lei e coloca em evidência o sentimento de culpa. Este, por sua vez, se manifesta nas neuroses, em especial, na neurose obsessiva, como também nos ritos monoteístas. A partir de tais compreensões, buscaremos analisar o paradoxo da civilização que, para tornar possível a convivência humana, necessita da interdição do gozo.

Posto o curso da evolução cultural humana, abordaremos e analisaremos a centralidade e onipresença da pulsão de morte não mais restrita à sexualidade e seus desdobramentos no seio da teoria freudiana.

Por fim, analisaremos como a pulsão de morte pode ser entendida como vontade destrutiva e criativa a partir da leitura de Lacan no Seminário 7 – *A ética da psicanálise* (2008) e da leitura de Garcia-Roza em *O mal radical em Freud* (2015), visando, com isso, afirmar a destrutividade freudiana como um princípio e não como uma tendência.

3.1 Compulsão à repetição e o *Além do princípio do prazer*

Em *Além do princípio do prazer* (1920), podemos considerar como pontos que direcionam Freud à hipótese de que há uma pulsão de morte o fato de que a) Os sonhos analisados nos pacientes neuróticos traumáticos retornam a uma situação original desagradável – tais sonhos já não se incluem na tese posta em *A interpretação dos sonhos* de que o sonho é uma realização do desejo; b) há uma repetição que se expressa também nos jogos infantis; c) há uma compulsão à repetição que retorna ao passado e que não está comprometida com o princípio do prazer. Tal tendência inerente à vida orgânica, de voltar a um estado anterior, foi abalada pelo surgimento da vida e seu princípio aglutinador expresso por Eros.

²⁵ Cf. *Totem e Tabu*, 2012.

Aqui podemos retornar ao que Freud sustenta no *Projeto* de 1895, no qual postula um princípio regulador chamado de princípio de inércia neurônica (*Prinzip der Neuronenträgheit*), afirmando que este trabalharia no sentido de reduzir a zero a tensão que chega ao aparelho psíquico. O problema desse postulado seria que reduzir totalmente a tensão do aparelho psíquico levaria à aniquilação deste. Com a reformulação, Freud sustenta então que há um princípio de constância (*Konstanzprinzip*) que tende à regular a tensão ao nível mais baixo possível. No entanto, a primeira definição do princípio regulador é novamente posta em Além do princípio do prazer, pois nesta obra

[...] Freud efetuou na verdade a ressurreição da sua definição original – desta vez, porém, não como uma definição alternativa do princípio da constância, mas como uma definição de um princípio alternativo. Ocasionalmente, afirmou Freud, a mente age como se pudesse eliminar inteiramente a tensão ou, por outras palavras, como se pudesse reduzir-se a um estado de extinção (WOLLHEIM, 1971, p. 201).

Esse princípio da compulsão à repetição se expressa de modo significativo nos jogos infantis. A partir do exemplo da criança que brinca com seu carretel fazendo-o aparecer (prazer) e desaparecer (desprazer), sempre no sentido de retorno ao estado anterior, repetindo essa ação inúmeras vezes, podemos afirmar duas outras tendências da vida psíquica: uma delas trabalha no sentido de elaborar um registro mnêmico original para posteriormente obter prazer; a outra tendência da repetição está além do princípio do prazer, indo no sentido oposto e este.

Tendo em vista que, para Freud, a repetição é uma forma de descarga, um gasto energético que não trabalha no sentido de evoluir condições psíquicas, pois geram desprazer, mas retornar a algo anterior que gera sofrimento, Freud chega à concepção mais bem elaborada de que “a compulsão para repetir pode ser vista como o esforço para recuperar um estado que é historicamente primitivo e que também é marcado pela total exaustão de energia, isto é, a morte” (WOLLHEIM, p. 202, 1971). Até aqui, a pulsão de morte advém da libido, tendo como representante, como vimos nos capítulos anteriores, o sadismo. Veremos com O mal estar na civilização (1930) a afirmação da pulsão de morte como uma disposição autônoma, isto é, que não está restrita à sexualidade.

Posto isso, analisaremos adiante como essa compulsão à repetição se manifesta nos atos obsessivos dos neuróticos e nas vivências religiosas.

Exploraremos os textos *atos obsessivos e práticas religiosas* (1907), *Totem e Tabu* (1912-1913) e *Moisés e o Monoteísmo* (1939), que nos encaminhará a pensar o conflito inevitável existente entre satisfação das pulsões e o contexto da moral civilizada marcada pela interdição, entre o que há de bestial no homem e seu processo de humanização.

3.2 A relação entre atos obsessivos neuróticos e rituais religiosos

No texto *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907), Freud busca entender em que medida os cerimoniais realizados pelos neuróticos obsessivos em seu cotidiano se aproximam das práticas obsessivas da religião. De acordo com o autor, no trabalho psicanalítico é perceptível que por trás de certos hábitos repetitivos dos neuróticos obsessivos há um sentido, sendo este proveniente do que há de mais íntimo no ser humano. Esse sentido, com a prática psicanalítica, pode ser interpretado para entender as razões que estão por trás de certo comportamento compulsivo.

Posto isso, podemos compreender que um ato obsessivo é o meio pelo qual o paciente expressa um montante de afeto inconsciente que fora reprimido, havendo, desse modo, um retorno daquilo que foi reprimido, retorno este que se manifesta no sintoma da compulsão ou da proibição, se deixando dominar por um sentimento de culpa inconsciente. Assim, esse processo de repressão não obteve sucesso completo. Vemos, pois, que o tema da compulsão à repetição já se apresentava em 1907, mas só foi desenvolvido em *Além do princípio do prazer* (1920), e que expressa, como vimos anteriormente, a pulsão de morte.

De acordo com Freud “esse sentimento de culpa origina-se de certos eventos mentais primitivos, mas é constantemente revivido pelas repetidas tentações que resultavam de cada nova provocação” (FREUD, 1907, p. 6), o que resulta num círculo vicioso de atitudes obsessivas.

Posto isso, podemos perguntar em que medida esse sentimento de culpa inconsciente dos neuróticos se manifesta nas práticas religiosas? Freud afirma que “o sentimento de culpa inconsciente dos neuróticos corresponde à convicção dos indivíduos piedosos de serem apenas miseráveis pecadores” (FREUD, 1907, p. 6). Assim, as práticas religiosas seriam maneiras através das quais os indivíduos

afastam de si os pecados ou práticas consideradas pecaminosas, buscando, desse modo, defender-se das pulsões primitivas.

Segundo Freud, na medida em que tais práticas de defesa começam a não cumprir seu papel aparecem as proibições para exercerem as funções antes realizadas pelos atos obsessivos. A religião, então, trabalha segundo uma lógica de repressão de certas pulsões, tanto da esfera sexual como de pulsões egoístas²⁶. Há uma supressão da vontade imediata do indivíduo em prol de uma certa ordem social. Portanto, podemos compreender que a neurose obsessiva, assim como acontece no indivíduo, acontece na religião, sendo esta, de acordo com Freud, uma neurose obsessiva vivida coletivamente.

3. 3 A hipótese da horda primitiva e a relação com a religião monoteísta

No texto *Moisés e o Monoteísmo* (1939), Freud desenvolve compreensões em torno do mito fundador de um povo, em especial do povo judeu, buscando através da psicanálise entender como a imagem do líder é construída nas nações e no monoteísmo.

De acordo com Freud, somos seres marcados pela situação do desamparo dada a nossa finitude. Desse modo, necessitamos de cuidado, de leis que guiem a sociedade diante da vulnerabilidade humana para que a vida em comunidade seja possível. O exemplo utilizado para demonstrar essa situação de desamparo por Freud em *Moisés e o Monoteísmo* é o mito do herói Moisés, que além de libertar o povo judeu da opressão também aparece como legislador, trazendo as leis de Deus para guiá-los no mundo. Assim, podemos compreender que, segundo Freud, não há liberdade sem legislação, se fazendo necessária a constituição de valores para erguer uma sociedade civilizada. Nessa medida, o interesse de Freud ao estudar os mitos fundadores das comunidades é também pensar a psicologia das massas humanas, como a religião se torna uma neurose coletiva e a própria civilização.

Visando desenvolver a compreensão sobre o processo neurótico na religião, a noção de retorno do reprimido e responder algumas questões do complexo de Édipo, como o papel do pai na constituição de uma sociedade, Freud remonta a conjectura darwiniana da horda primitiva, quando os homens viviam em pequenos

²⁶ Aqui ainda não se apresentava a noção de *Pulsão de morte*, apenas a noção de compulsão (*Zwang*).

bandos, conjectura esta que foi posta por ele em *Totem e Tabu*. Esta obra de cunho antropológico é de suma importância para compreender o fundamento dos laços humanos que deram origem à civilização.

A horda primitiva darwiniana, de acordo com Freud, é liderada por um indivíduo que detém as fêmeas do grupo para si e que demonstra grandeza em meio a uma massa de indivíduos inferiores ao líder, sendo este forte, temido e seguro de si. Freud acrescenta a esta conjectura da horda primitiva o que Lacan chamou no Seminário 7 – A ética da psicanálise de “(...) talvez o único mito de que a época moderna tenha sido capaz” (2008, p. 212), mito este que é revivido ou reeditado por cada novo ser humano que chega ao mundo através do complexo de Édipo. Nesse mito moderno os indivíduos iguais entre si se uniram para matar o líder do bando, respondendo ao impulso hostil em função de terem sido expulsos e impedidos por ele de desfrutarem da vida sexual com as fêmeas do bando. Assim, os filhos rompem com um contexto estabelecido no qual havia um macho centralizador que interditava as pulsões.

Após o parricídio, os filhos inauguram um clã fraterno deixando o local vazio da liderança, o que acaba gerando nos indivíduos um sentimento de culpa. Nesse contexto, podemos observar que há uma ambivalência em relação ao pai, pois ao mesmo tempo em que surgiu o desejo de mata-lo, a culpa também surge e acompanha todo esse processo.

Com a morte do pai, surge para o novo clã o problema do lugar vazio antes ocupado pelo líder/Pai. Para que não ocorresse uma guerra de todos contra todos, os filhos criaram um totem (símbolo) que identifica os irmãos entre si e ao pai simbólico. Esse totem institui uma necessidade de devoção/identificação e também a exogamia que, por sua vez, institui os dois tabus fundamentais que organizam as relações sociais: a devoção acompanhada de temor e o horror ao incesto. No contexto de uma concepção monoteísta como a que é posta em Moisés e o monoteísmo, a morte desse pai perverso e protetor será substituída, então, pela religião monoteísta, sendo esta o retorno do reprimido, o sintoma neurótico, uma vivência que é repetida de modo obsessivo devido ao sentimento de culpa.

Aqui podemos nos remeter ao que Freud desenvolveu em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), apontando as relações entre a formação de sintomas e a angústia:

Se abandonarmos uma pessoa agorafóbica na rua, após tê-la acompanhado, ela terá um ataque de angústia. Se impedirmos um neurótico obsessivo de lavar as mãos após tocar em algo, ele será presa de uma

angústia quase insuportável. É claro, então, que a condição de ser acompanhado e o ato obsessivo de lavar as mãos têm o propósito e também o resultado de prevenir tais acessos de angústia. Nesse sentido, toda inibição que o Eu impõe a si próprio pode ser denominada sintoma. Como fizemos a geração de angústia remontar à situação de perigo, preferiremos dizer que os sintomas são criados para subtrair o Eu à situação de perigo. Sendo impedida a formação de sintomas, o perigo realmente aparece, ou seja, produz-se aquela situação análoga ao nascimento, em que o Eu se encontra desamparado ante exigências instintuais cada vez maiores – a primeira e primordial condição para a angústia (FREUD, 2014, p. 87-88).

Nesse sentido, a formação de sintomas tem por objetivo a anulação do perigo advindo do desamparo. Assim, podemos compreender que, em analogia ao que ocorre nas práticas religiosas – com a situação de desamparo advinda da perda do pai protetor e o sentimento de culpa que a acompanha – os atos ritualísticos repetitivos são sintomas gerados para que o Eu não se sinta em perigo, evitando assim a angústia ante o supereu.

De acordo com Freud, a tradição da vida psíquica de um povo se instaura a partir do retorno do reprimido, o que significa dizer que nos rituais religiosos como a da ceia cristã a morte do pai é revivida de maneira simbólica. Ele desenvolve no ponto (G) da terceira parte de Moisés e o monoteísmo como a religião de Moisés se tornou uma tradição. Nas palavras de Freud (2018, p.176): “compreendemos que o homem primitivo necessita de um Deus como criador do mundo, chefe do clã, protetor pessoal. Esse Deus toma seu lugar atrás dos pais falecidos, dos quais a tradição ainda pode dizer algo”. Desse modo, podemos compreender que a organização social só é possível devido à inibição das pulsões através de um Deus-Pai que é amado e temido.

Podemos compreender então que Freud sustenta a tese de que a ideia de Deus único introduzida por Moisés ao seu povo remete à vivência da horda primitiva, fundando uma ética pautada na culpa pela morte do pai, rompendo com uma tradição e inaugurando outra e que “Quando Moisés levou ao povo a ideia de deus único, ela não era algo novo; significava, isto sim, a reanimação de uma vivência dos primórdios da família humana, que há muito desaparecera da lembrança consciente dos homens” (FREUD, 2018, p. 178).

Dado o desenvolvimento da compreensão sobre a religião como sendo uma neurose coletiva, é visível então que a religião cumpre um papel de repressão no meio social para que o homem mantenha-se civilizado, reprimindo pulsões sexuais e egoístas, sendo tal ordem social pautada numa ética da culpa pela morte do pai.

Em *Totem e tabu*, ao formular o mito moderno de um assassinato primordial que estabelece as relações sociais, a saber, a interdição, a proibição e o que é legítimo, Freud nos aponta a baliza civilizatória do ser humano, que é marcada pela falta do objeto perdido.

De acordo com Lacan (2008), esse pai morto do mito moderno freudiano busca explicar a culpa e a proibição do incesto. Esse pai é simbólico e está morto desde sempre. Segundo ele, ao nascermos somos inseridos numa certa ordem estabelecida de leis e linguagens que nos apontam quais lugares ocupar, quais são as possibilidades de satisfação para as pulsões. Nessa ordem simbólica regida pelos princípios de prazer e de realidade, o desejo escapa na medida em que não possui em si um objeto definido, e acaba burlando essa ordem preestabelecida. Assim, essa ordem simbólica não cala a pulsão que está para além da linguagem. No lugar desse vazio e dessa impossibilidade de satisfação plena e de saber tudo, se produz histórias. O assassinato do pai primordial seria uma dessas. Retornaremos a essa problemática da pulsão para além do simbólico mais adiante.

3.4 O paradoxo da civilização: entre a necessidade de ordem e o mal-estar

Numa certa altura de sua obra, munido de todo um arcabouço teórico construído ao longo dos anos de dedicação ao estudo da psicanálise, Freud se vê diante da necessidade de explorar uma questão que resulta principalmente da sua observação frente ao mecanismo de repressão e coação social que, como vimos no ponto anterior, funda-se com o parricídio na horda primitiva, e sua análise sobre os efeitos do recalçamento no sujeito, resultando nas diversas psiconeuroses. Tal questão que Freud busca explorar em *O futuro de uma ilusão* (1927) e em *O mal-estar na civilização* (1930) é, em linhas gerais, qual é o valor da civilização e por que ou pelo quê ela se justifica? Desse modo, se destaca nesse momento da obra de Freud “(...) a raiz social do processo repressivo e sua função estruturante na vida psíquica e consciente do ser humano” (MEZAN, 2013, p. 76).

Como vimos Freud já demarcava em *Atos obsessivos e práticas religiosas* a existência de um conflito inevitável entre as exigências da civilização e a satisfação exigida pelas pulsões. Esse conflito marca a essência da vida em sociedade, a qual coage o ser humano a abdicar de uma parcela considerável de prazer em detrimento da possibilidade de uma vida em comunidade.

Em O futuro de uma ilusão, Freud define a cultura (Kultur) ou civilização (Zivilisation) da seguinte maneira:

A cultura humana – refiro-me a tudo aquilo em que a vida humana se ergueu acima das condições animais em que se diferencia da vida animal – e eu me recuso a distinguir cultura de civilização – apresenta, notoriamente, dois aspectos àquele que a observa. Por um lado, abrange todos os conhecimentos e habilidades que os homens adquiriram para controlar as forças da natureza e dela extrair os bens para a satisfação das necessidades humanas; e por outro lado, todas as instituições necessárias para regulamentar as relações entre os indivíduos e, em especial, a distribuição dos bens obteníveis (FREUD, 2014, p. 233).

Dentro desse contexto no qual se funda a civilização, Freud acrescenta que é notável que a civilização é sentida como um fardo pelos seres humanos devido a necessidade de abdicação. Nesse sentido, ele defende a ideia de que as instituições erguidas no meio social - a família, o Estado, a religião, as leis, a escola, entre outros, devem agir no sentido de proteger a civilização dos danos advindos do ser humano, afirmando que “Parece, isso sim, que toda cultura tem de se basear na coação e na renúncia instintual” (FREUD, 2014, p. 235). Essa afirmação é feita em tom de crítica à crença de que seria possível um novo modo de organização não baseado na repressão pulsional e na coação. Isso é sustentado devido ao fato de que, segundo Freud, há tendências destrutivas nos seres humanos que colocam em risco a vida em comunidade²⁷. Portanto, as questões que se colocam nesse contexto de conflito são: até que ponto é possível ceder de seu desejo? Uma civilização marcada pela interdição e repressão vale a pena?

Posto isso, vale ressaltar que a questão envolvendo a abnegação das pulsões é mais ampla do que o contexto da repressão sexual, dado que há, segundo Freud, outros meios de abdicação. Entre eles temos a frustração frente à incapacidade de realização das pulsões; a sublimação, sendo este um dos destinos das pulsões inibidas na meta; e a rejeição racional. No entanto, esses meios de abdicação das pulsões são processos que poucos sujeitos conseguem realizar, pois “somente certa quantidade de energia instintiva podia ser sublimada e somente certa quantidade de frustração podia ser tolerada” (WOLLHEIM, 1971, p. 241).

É nesse contexto que entra o processo da moralidade, processo este que vem de fora, das exigências da civilização, para dentro dos sujeitos. A moralidade é

²⁷ Analisaremos esse ponto sobre a afirmação de uma agressividade autônoma (pulsão de morte) não restrita à sexualidade e o papel da civilização e do supereu mais adiante.

interiorizada pelo supereu para que as leis se façam valer e os sujeitos lidem com as normas impostas. O grande problema que surge frente a isso é que

(...) assim como existe um ponto além do qual a frustração não pode ser tolerada, também – e parece ser essa a opinião de Freud – existe um ponto além do qual uma moralidade repressiva ou, ainda, arbitrariamente repressiva não pode ser introjetada (WOLLHEIM, 1971, p. 241).

De acordo com Freud em *O futuro de uma ilusão*, é importante distinguir, nesse âmbito das privações pulsionais, as privações que atingem todos os sujeitos e as que atingem certas classes sociais. As primeiras são as mais antigas que surgiram na medida em que os seres humanos foram se desprendendo da animalidade primitiva e dos desejos primitivos, a saber, o incesto, o canibalismo e a vontade de aniquilar o outro. Como sabemos, o complexo de Édipo aponta que esses desejos reprimidos tornam a surgir com cada novo indivíduo que nasce, dada a herança arcaica que acompanha todos os seres humanos desde a origem da civilização²⁸. Assim, a ordem externa com seus imperativos morais é introjetada nos sujeitos de forma gradual, e o supereu trabalha no sentido de exigir do eu ações que sejam socialmente legítimas. Portanto, para Freud, o que faz do sujeito um ser moral e social é um supereu fortalecido. Já perante as privações que atingem certas classes sociais, Freud afirma que os indivíduos sujeitados a privações materiais e opressões sociais tendem a se revoltar, pois, para ele, é muito difícil que permaneçam satisfeitos com a cultura segundo tais condições, podendo direcioná-los a rebeliões, o que de certo modo é compreensível para Freud, pois

É compreensível que esses oprimidos desenvolvam forte hostilidade em relação à cultura que viabilizam mediante seu trabalho, mas cujos bens participam muito pouco. Assim, não se pode esperar uma internalização das proibições culturais nos oprimidos; pelo contrário, eles não se dispõem a reconhecê-las, empenham-se em destruir a própria cultura, e eventualmente em abolir seus pressupostos (...). Não é preciso dizer que uma cultura que deixa insatisfeito e induz à revolta um número tão grande de participantes não tem perspectivas de se manter duradouramente, nem o merece. (FREUD, 2019, p. 243)

Nesse ponto, podemos perceber que Freud trata da má distribuição de bens e os problemas por ela acarretados. Para ele, portanto, a fome e a injustiça direcionam os sujeitos à revolta. Segundo Wilhelm Reich²⁹ (2001), a fome tem a capacidade de

²⁸ Cf. *Totem e Tabu*.

²⁹ Wilhelm Reich foi um médico psiquiatra e psicanalista austríaco que viveu entre 1897 e 1957. Foi discípulo de Freud, mas construiu suas próprias compreensões em torno da psicanálise.

produzir revolta, no entanto, o recalçamento sexual produz, por sua vez, a obediência. A problematização posta pelo psiquiatra Reich nessa afirmação sobre o recalçamento em Psicologia de massas do fascismo (2001) remete ao fato de que, para ele, numa sociedade erguida sob a égide da repressão a rebelião é, ao contrário do que Freud afirma, dificultada, na medida em que os seres humanos são educados segundo a ordem patriarcal da repressão.

Em Psicologia de massas do fascismo Reich, impulsionado pelo interesse em entender o motivo pelo qual as massas humanas ao longo de sua história têm se sujeitado à humilhação moral e à exploração, propõe a necessidade de mudar o modo de educação das pulsões no cerne da cultura como forma de possibilitar que os sujeitos percebam as opressões e lutem contra elas. Para Reich, o Estado autoritário burguês é o principal interessado no arranjo familiar patriarcal, pois, segundo ele essa família se transformou “numa fábrica onde as estruturas e ideologias do Estado são moldadas” (REICH, 2001, p. 28).

O autor aponta como um dos objetivos da moralidade, que busca inibir a sexualidade desde a mais tenra idade, a adaptação do indivíduo à ordem para que seja obediente. Nesse sentido, todo impulso é recebido pelo ser humano com medo, dada a ameaça contínua de punição. Desse modo, Reich compreende a família como uma espécie de Estado autoritário em miniatura, e o resultado dessa inibição das forças de rebelião do homem não pode ser outro: é a mentalidade reacionária, o temor pela liberdade e o medo de uma mudança na ordem vigente. Unido a isso, temos também as diversas psiconeuroses descobertas por Freud ao longo de seus estudos e todo o mal-estar advindo delas. Portanto, o mal-estar, compreendido pelo viés da teoria freudiana da civilização e unido às colocações de Reich, seria duplamente sofrível para os sujeitos: 1) Para Freud acarreta num custo psíquico que adoce e 2) Para Reich os tornam passivos e medrosos.

Posto isso, retornemos à questão: o que se ganha com a civilização frente a uma moralidade contemporânea que se assenta na repressão e na frustração? De acordo com Freud, o ser humano busca satisfação, a realização dos desejos. Todavia, por viver em comunidade e estar dentro do contexto dessa moralidade repressora, só lhe é permitido uma pequena parcela de prazer. Além disso, perante a grandiosidade das forças da natureza, o ser humano pode sofrer em demasia, dado que não as controla. Nesse sentido, Freud defende em O futuro de uma ilusão (1927) a tese de que a principal tarefa da cultura é nos defender das forças da

natureza e dos riscos que ela impõe à vida em comunidade, tese que também está presente em *O mal-estar na civilização*. Como consequência disso, a tarefa de evitar ao máximo o sofrimento ganha primazia frente à obtenção de prazer. No entanto, é importante afirmar que

[...] embora Freud, por vezes, equacionasse a questão da civilização em termos dramáticos, como se fosse uma questão de tudo ou nada, em seus momentos mais realistas ele viu que o problema consistia em avaliar o equilíbrio mais favorável que pode ser conseguido entre os diferentes fatores, num dado momento histórico (WOLLHEIM, 1971, p. 244).

Posto isso, podemos compreender que alterações na ordem de uma sociedade podem acarretar consequências frutíferas para o maior número de indivíduos, no entanto é necessário um aumento de controle perante as forças da natureza para, a partir disso, garantir uma maior satisfação de suas necessidades. Vale ressaltar, todavia, que a tarefa de exercer um maior controle perante a natureza é permanente, pois ela afirma continuamente a vulnerabilidade humana e a necessidade de proteção, devido ao próprio caráter indomável que apresenta³⁰.

Freud sustenta em *O mal-estar na civilização* que uma das técnicas que os sujeitos se utilizam para afastar o sofrimento consiste na combinação de diversas características, entre elas estão: não se fechar em si mesmo evitando o mundo externo e buscar felicidade constituindo uma relação amorosa com os objetos. Sobre essa técnica Freud afirma que

Estou falando, claro, daquela orientação de vida que tem o amor como centro, que espera toda satisfação do amor e ser amado. Essa atitude psíquica é familiar a todos nós; uma das formas de manifestação do amor, o amor sexual, nos proporcionou a mais forte experiência de uma sensação de prazer avassaladora, dando-nos assim o modelo para nossa busca da felicidade. Nada mais natural do que insistirmos em procura-la no mesmo caminho que a encontramos primeiro. O lado frágil dessa técnica de vida é patente; senão, a ninguém ocorreria abandonar esse caminho por outro. Nunca estamos mais desprotegidos ante o sofrimento do que quando amamos, nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor (FREUD, 1930, p. 29).

Nessa medida, a realização plena do ser humano, por assim dizer, o projeto de felicidade advindo do princípio do prazer é impossível de realizar-se, mas, mesmo assim os indivíduos se esforçam na busca.

³⁰ O exemplo recente que expressa a vulnerabilidade humana tem sido a pandemia do novo coronavírus, descoberto no final de 2019 e que, até o momento da escrita desse trabalho dissertativo, inúmeros cientistas da área da saúde no mundo têm trabalhado no esforço de desenvolver remédios eficazes e vacinas contra a nova ameaça à vida humana.

3.5 O curso da evolução cultural e a psicologia das massas

Em *O mal-estar na civilização* (1930), Freud afirma que a evolução cultural aparece e se desenrola na humanidade como um processo peculiar, devido às mudanças por ela realizadas no seio das disposições pulsionais dos seres humanos, sendo estas introjetadas e que aparecem como traços de caráter.

Frente ao curso da evolução cultural, Freud sustenta que devemos nos interrogar a quais influências essa evolução deve suas origens e o que determinou o seu processo. Para responder a esta questão, o psicanalista retoma a hipótese da horda primitiva de Totem e Tabu, ao mito moderno que foi exposto no subitem 3.3 do presente capítulo. O homem, em suas origens primitivas, começou a enxergar o outro como uma espécie de ajudante para o curso da existência. Nesse contexto, construiu uma família dominada por um macho que possui todas as fêmeas do grupo e interdita o acesso ao gozo dos demais indivíduos. Com o parricídio, essa família primitiva se torna um clã fraterno e

A vitória sobre o pai havia ensinado aos filhos que uma associação pode ser mais forte que o indivíduo. A cultura totêmica baseia-se nas restrições que eles tiveram que impor uns aos outros, a fim de preservar o novo estado de coisas. Os preceitos do tabu constituíram o primeiro “direito”. A vida humana em comum teve então um duplo fundamento: a compulsão ao trabalho, criada pela necessidade externa, e o poder do amor, que no caso do homem não dispensava o objeto sexual, a mulher, e no caso da mulher não dispensava o que saía dela mesma, a criança. Eros e Ananke tornaram-se também os pais da cultura humana. O primeiro êxito cultural consistiu em que um número grande de pessoas pôde viver em comunidade. E como os dois grandes poderes atuavam aí conjuntamente, cabia esperar que a evolução posterior ocorresse e modo suave, rumo a um domínio cada vez melhor do mundo externo à ampliação do número de pessoas abrangido pela comunidade (FREUD, 2010i, p. 62-63).

Nessa medida, a vida em sociedade tornou-se possível a partir da instituição da lei, mas que, de acordo com Freud, como vimos, não consegue tornar felizes os sujeitos que dela fazem parte, e de acordo com Reich visa aplacar as forças de rebelião.

Avaliando a situação do amor como o fundamento da cultura, Freud afirma que o amor sexual é tido como o protótipo de toda a felicidade e que, como sabemos, deixa o sujeito exposto ao sofrimento de não ser amado. No entanto, apenas poucos indivíduos conseguem dar primazia ao “amar o outro” ao “ser amado pelo outro”. Essa atitude ética perante o outro seria um alto grau de sublimação

alcançado pelo ser humano. Esse amor que constituiu o clã fraterno nos seus primórdios continua presente na civilização moderna, tanto na sua forma de amor sexual como na sua forma sublimada (inibida na meta).

Podemos compreender que a paixão particular se transforma, por meio dos mecanismos de sugestão, contágio e de identificação postos em Psicologia das massas e análise do eu (1921), em sentimento público, sendo o mecanismo da identificação aquele pelo qual os membros de uma comunidade se modelam uns pelos outros e ao seu líder, estabelecendo vínculos afetivos e de união que são possibilitados pela renúncia sexual.

No entanto, Freud afirma em O mal-estar na civilização que a civilização requer dos indivíduos mais renúncias do que as de ordem sexual, e problematiza o mandamento “ame ao próximo como a ti mesmo”. Esse mandamento é problemático na medida em que o ser humano, além de uma criatura que possui pulsões sexuais, possui um pendor à agressividade que perturba as relações em comunidade, pois o “próximo” além de poder ser objeto de amor também pode ser objeto de hostilidade.

Nesse ponto crucial do desenvolvimento teórico sobre as pulsões, Freud afirma a existência de uma hostilidade primária nos seres humanos que ameaça a civilização e esta, por sua vez, deve agir para barrar a agressividade. Nessa medida, a cultura impõe restrições não apenas à pulsão sexual, mas também ao princípio destruidor inerente aos homens. Perante essa dupla imposição, fica cada vez mais difícil aos indivíduos a realização plena da felicidade.

Com a afirmação de uma pulsão de ordem agressiva/destrutiva, podemos compreender que a civilização é o palco no qual se apresenta a luta entre pulsões de vida (Eros), que busca unir os indivíduos em comunidades cada vez maiores, conservando certos valores, e a pulsão de morte (Tanatos), que busca destruir essas uniões, ameaçando constantemente a civilização erguida sobre certos valores.

A partir da afirmação de uma pulsão de morte não mais restrita à sexualidade como se apresentava em Além do princípio do prazer, no qual o sadismo era seu representante, buscaremos compreender no próximo tópico, de forma mais detalhada, como essa agressividade é contida pelo trabalho da civilização e da instância psíquica denominada de supereu.

3.6 A onipresença da pulsão de morte e o papel do supereu

Com a introdução da noção de pulsão de morte desde 1920 com *Além do princípio do prazer* e com a afirmação da onipresença e autonomia da agressividade/destrutividade humana não erótica dez anos mais tarde em *O mal-estar na civilização*, podemos compreender que a cultura, para Freud, é um processo que trabalha para a manutenção da união através de Eros, que visa manter um determinado estado de coisas, opondo-se ao trabalho da disposição agressiva do ser humano.

No contexto da compulsão à repetição que explicitamos no início do presente capítulo vimos que a repetição gera desprazer e mesmo assim os atos são repetidos. Tal repetição é o meio pelo qual o reprimido insiste em se manifestar mesmo com as sucessivas tentativas de repressão e o desprazer que acompanha esse processo. Desse modo, está para além do princípio do prazer. Com o argumento de que essa compulsão à repetição é uma expressão da pulsão de morte, da agressividade não erótica, o problema posto em 1920, a saber, de onde advém a energia da pulsão de morte que, até então era tida como uma destrutividade que estava aliada à sexualidade, ganha uma nova formulação, pois em *O mal-estar na civilização* a destruição e a sexualidade passam a ser independentes uma da outra.

Freud busca, a partir da afirmação do ímpeto destrutivo, compreender como contê-lo no seio da civilização e como a instância supereu trabalha frente a este ímpeto. De acordo com o psicanalista, a agressividade que o sujeito quer dirigir aos objetos no mundo externo é introjetada, volta-se para o Eu e é acolhida pelo supereu. Esse supereu consciente exerce uma força contra o Eu com a mesma agressividade que este quis satisfazer nos objetos externos. Essa tensão é chamada por Freud de sentimento de culpa e se expressa na necessidade que o Eu tem de punição (FREUD, 2010i, p. 92).

O motivo pelo qual os indivíduos se sujeitam às influências e exigências externas remete à questão do desamparo. Os seres humanos enquanto criaturas marcadas pela vulnerabilidade dependem uns dos outros desde o início de sua vida; como sabemos, o bebê humano é uma criatura extremamente vulnerável. Para Freud, é o medo da perda do amor que leva a uma sensação de desproteção. Desse modo, temos que as más ações são evitadas pelo medo dessa perda.

No entanto, a sensação de perigo iminente se dá pelo medo de ser descoberto ao desejar ou realizar uma má ação. Assim, numa determinada fase do processo de socialização dos sujeitos, quando a autoridade ainda não foi internalizada, eles muitas vezes se permitem satisfazer a agressividade “(...) se tiverem certeza de que a autoridade não saberá ou nada poderá fazer contra eles; seu medo é apenas de serem descobertos” (FREUD, 2010i, p. 94).

Freud sustenta que com a introjeção da autoridade na consciência se estabelece o supereu e realiza uma mudança fundamental para as relações entre exigências externas e internas, pois a partir da instauração dessa instância moralizante o medo vinculado ao “ser descoberto” por desejar ou fazer algo mal se desfaz, assim como a distinção entre o fazer e o desejar, pois ambos seriam dignos da punição do supereu, dado que nada escapa ao exame dessa autoridade internalizada, vigilante e punitiva.

Posto isso, podemos compreender que essa consciência, a qual se apresenta com um elevado grau de exigência, é o que Freud chama de traço característico de ser moral que trabalha no sentido de alertar e evitar que o Eu ceda de suas pulsões.

Outro fator importante a ser considerado com relação ao supereu é que os erros cometidos pelos indivíduos e as frustrações decorrentes ampliam o poder da própria consciência, devido às avaliações que os sujeitos fazem dos próprios atos, pois Freud afirma que

Enquanto as coisas vão bem para a pessoa, também a sua consciência é branda e permite ao Eu muitas coisas; quando uma infelicidade a atinge, ela se examina, reconhece sua pecaminosidade, eleva as reivindicações da consciência, impõe-se privações e castiga a si mesma com penitências. Povos inteiros se comportam e continuam se comportando assim. Mas isso se explica facilmente pelo estágio infantil da consciência, que portanto não é abandonado após a introjeção no Super-eu, mas subsiste junto e por trás dela. O destino é visto como um substituto parental; quando uma pessoa tem infortúnio, significa que não é mais amada por esse poder supremo, e, ameaçada por essa perda de amor, inclina-se novamente ante a representação dos pais no Super-eu, que no momento da fortuna tendia a negligenciar (FREUD, 2010i, p. 96-97)

Essas colocações revelam a influência da gênese, do passado que mesmo distante encontra formas de se manifestar nos fenômenos psíquicos do sujeito.

Com relação à severidade com que o supereu trabalha nos indivíduos, Freud sustenta que uma educação mais repressiva pode influenciar em algum grau, mas a severidade pode surgir independente de tal educação, pois considera que tanto as

influências do meio social como os fatores herdados atuam para a formação do supereu.

Nesse ponto no qual Freud aborda a importância dos fatores constitucionais herdados, vale ressaltar o fator primordial que envolve o sentimento de culpa e o arrependimento elaborado em Totem e Tabu: com o parricídio, e a culpa que acompanhou esse ato, instaurou-se pelo mecanismo de identificação a instância supereu. Desse ato ou tão somente do desejo de realizá-lo, houve a necessidade da criação da lei para impedir sua repetição, e o arrependimento expressa o sentimento primevo de ambivalência perante o pai e que se repete na história humana a cada novo nascimento. Frente a isso, Freud ressalta que

Não é decisivo, realmente, haver matado o pai ou deixado de fazê-lo; em ambos os casos temos de nos sentir culpados, pois o sentimento de culpa é a expressão do conflito de ambivalência, da eterna luta entre Eros e o instinto de destruição ou de morte (FREUD, 2010i, p. 104)

Posto isso, podemos perceber que essa luta entre Eros e Tanatos, que se iniciou na relação com o pai é o que caracteriza o processo de desenvolvimento da cultura tanto no seio da humanidade como no íntimo da psique do indivíduo.

Ao final de O mal-estar na civilização, munido de toda a especulação em torno da agressividade autônoma inerente ao ser humano, Freud sustenta então que a questão-chave que se apresenta à humanidade é a de saber até que ponto a evolução da cultura conseguirá conter os abalos, a destruição de certos estados de coisas, promovidos pela pulsão de morte.

No próximo tópico buscaremos entender essa questão através do argumento lacaniano de que a pulsão de morte está para além da tendência ao retorno ao inanimado, sendo entendida então como vontade de destruição que está para além do simbólico e que se manifesta pondo em causa um determinado estado de coisas no seio da civilização e que, a partir do nada, é também vontade de criação como recusa do mesmo.

3.7 A pulsão de morte como vontade destrutiva e criativa

No decorrer do presente capítulo, pudemos analisar o contexto do sujeito civilizado marcado pela vulnerabilidade e incompletude e sua busca pelo objeto

perdido, pontuando a série de dificuldades que ele encontra para sua plena satisfação no seio da civilização.

De acordo com Lacan no Seminário 7: A ética da psicanálise, essa dificuldade de realização plena é encontrada na própria estrutura humana, devido ao fato que o ser humano tem de situar suas necessidades a partir de algo que é fundamentalmente inconsciente, que é anterior ao simbólico e à articulação significativa, mas que insiste em estar aí de maneira não dominada pelo discurso, disfarçada, por assim dizer. É nesse contexto que se situa o problema do gozo: dado que este se encontra para além dos significados aparentes impostos pela ordem da linguagem, permanecendo obscuro, ele é de difícil acesso ao sujeito “(...) uma vez que o gozo se apresenta não pura e simplesmente como a satisfação de uma necessidade (*besoin*), mas como a satisfação de uma pulsão (...)” (LACAN, 2008, p. 251).

Em O mal radical em Freud, Garcia-Roza, a partir de uma leitura freudiana, afirma que o campo psicanalítico possui duas regiões: a primeira é o lugar da ordem, no qual operam os princípios de prazer e de realidade e no qual se situa o aparelho psíquico (Ics, Pcs e Cs), sendo este o lugar da representante da representação – como vimos no primeiro capítulo do presente trabalho –; já a segunda região é aquela que está para além da ordem, para além do princípio do prazer e do princípio de realidade, sendo este o lugar no qual se situa a noção de pulsão. Nesse sentido, a distinção não é feita entre o Ics e o Pcs/Cs, e sim entre o âmbito do aparelho psíquico e o âmbito das pulsões, que estão para além.

Como vimos, Freud sustenta que a pulsão de morte, expressa no pendor à agressividade, é o maior obstáculo para a civilização, essa construção de humanidade na qual vivemos que tende a unir indivíduos, construir famílias e as mais diversas instituições e normas sociais, sendo este um trabalho de Eros. Do ponto de vista freudiano, a pulsão de morte é uma pulsão destrutiva, a qual visa desfazer as unidades no âmago da civilização, sendo desse modo, anticultural. Do ponto de vista lacaniano, a pulsão de morte é a recusa da permanência, do mesmo que é posto pela cultura. Assim, a pulsão de morte é subversiva e antinatural, entendida “(...) não no sentido de ela ter como alvo a destruição da natureza e da cultura, mas no sentido de colocar em causa tanto uma como a outra, de recusar a permanência do ‘mesmo’, de provocar na natureza e na cultura a emergência de novas formas.” (GARCIA-ROZA, 2015, p 127-128). A pulsão de morte, portanto,

coloca em xeque o natural e o cultural para emergir novos arranjos e, por isso, é vontade de destruição.

Posto isso, a pulsão, segundo Lacan, comporta uma dimensão histórica (LACAN, 2008, p. 251), dado o caráter insistente da pulsão em reaparecer, em inscrever-se na psique. Desse modo, a pulsão se refere a algo que é memorizado, uma historicidade que se manifesta na inscrição da pulsão no aparato anímico, sendo por meio dessa presença da pulsão que a historização, a memorização, se torna possível, pois a pulsão considerada nela mesma sem sua presentificação seria a-histórica. Portanto, podemos compreender que a pulsão está para além do simbólico, no entanto ela se manifesta, se presentifica no psiquismo insistentemente de diversas formas, possuindo, desse modo, um caráter não natural, pois

Essa dimensão se marca pela insistência com que ela se apresenta, uma vez que ela se refere a algo memorável porque memorizado. A rememoração, a historização, é coextensiva ao funcionamento da pulsão no que se chama de psiquismo humano. É igualmente lá que se grava, que entra no registro da experiência, a destruição (LACAN, 2008, p. 251).

Além do caráter não natural da pulsão, se faz necessário algo além da pulsão que possibilite sua apreensão. O que possibilita a rememoração para Lacan é a cadeia significativa, pois nela o significado oculto, obscurecido, só emerge na medida em que é articulação de significantes, na medida em que remete a outros significados. O que não é capturado pela cadeia significativa não é, portanto, memorizado. Nessa medida, a pulsão de morte deve ser situada na dimensão histórica, visto que só é definível pela cadeia significativa, numa certa ordem. Portanto, para que se possa apreender e rememorar a pulsão se faz necessário inscrevê-la no simbólico.

De acordo com Lacan, uma vez que a pulsão é pulsão de destruição ela é vontade de destruição direta e está para além do retorno ao inanimado segundo a compreensão do princípio de nirvana³¹. Desse modo, a vontade de destruição da qual Lacan trata é vontade de recomeçar, mas recomeçar outra-coisa, pois há algo que se expressa na linguagem que ultrapassa ela própria, visto que

Se tudo que é imanente ou implícito na cadeia dos acontecimentos naturais pode ser considerado como submetido a uma pulsão dita de morte, é somente na medida em que há a cadeia significativa. Efetivamente, é exigível que, nesse ponto do pensamento de Freud, o que está em questão seja articulado como pulsão de destruição, uma vez que ela põe em causa

³¹ Freud trata desse princípio elaborado pela psicanalista Bárbara Low em *O problema econômico do masoquismo* (1924), 2011b.

tudo o que existe. Mas ela é igualmente vontade de criação a partir de nada, vontade de recomeçar (LACAN, 2008, p.254-255).

No texto *O mal radical em Freud*, Garcia-Roza faz uso do termo potência de destruição no lugar de vontade de destruição, este usado por Lacan. Essa potência de destruição, segundo Garcia-Roza, não significa uma postura meramente niilista, pois na medida em que ela destrói as formas totalizadoras construídas pelo princípio aglutinador de Eros, cede lugar para que novas formas apareçam, impedindo a perpetuação de uma mesma/única inscrição do desejo no sujeito. Desse modo, podemos compreender o desejo como diferença, já que este dribla a ordem que está posta pela natureza, pelo determinado. Assim, a pulsão de morte cria novas formas de presentificação no aparato anímico.

Uma consideração interessante posta no texto acima mencionado é que a morte do desejo e, por sua vez, a morte da diferença que lhe é própria, adviria da ação de Eros e não da potência destrutiva, da pulsão de morte, visto que Eros quer conservar certos modos de desejo, restringindo outros no seio da cultura. Assim, a pulsão que insiste em se repetir, em se inscrever na psique, repete-se como diferença para que o novo apareça.

Vimos os mais diversos destinos das pulsões em os instintos e seus destinos (1915); nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), os desvios das pulsões quanto à meta, quanto ao objeto, o que deixa claro que a pulsão foge à ordem natural da biologia e que os efeitos das pulsões são apreendidos, segundo Freud, no nível das representações conscientes e inconscientes, nunca no nível da pulsão nela mesma.

3.8 A destrutividade freudiana como princípio e a ética em psicanálise

A partir da afirmação da existência de uma destrutividade autônoma, isto é, não restrita à sexualidade, Freud se depara com a aceitação da tese de que há um mal original no ser humano, e tal tese, de acordo com Garcia-Roza, nos direciona a falar de uma ética *em* psicanálise, visto a necessidade de avaliar os desdobramentos da afirmação da maldade originária.

No seminário 7 – A ética da psicanálise, Lacan sustenta, como afirmamos anteriormente, que a pulsão de destruição está para além da noção de tendência ao retorno ao inorgânico. Essa concepção permite afirmar que a vontade de destruição

é, também, vontade de criação. Nesse sentido, a noção de pulsão de morte como um *Drang* (impulso, esforço), remete à tese de que a pulsão em si mesma não é boa ou má, pois nela mesma não se registra tais valorações, dado que está para além do campo da representação. Portanto, a pulsão de morte não expressa uma malignidade originária no homem, visto que

O bem para o sujeito não é algo que se coloca no registro da pulsão, mas algo que resulta de uma composição significativa e que diz respeito aos trilhamentos inconscientes, ao sistema significativo dos elementos inconscientes. Se o bem ao qual o sujeito aspira é *das Ding*, suas escolhas se dão no nível do princípio do prazer, isto é, no nível definido pelo desejo, e o que aí se apresenta não é *das Ding* mas *die Sache*. O bem ao qual o sujeito aspira coloca-se como um horizonte na direção do qual, ou aquém do qual, o princípio do prazer regula os objetos do desejo (GARCIA-ROZA, 2015, p. 150).

É a partir desse além, que só pode ser concebido como vazio, que o sujeito pode perceber que não há uma tendência natural à bondade ou à maldade e, portanto, segundo Garcia-Roza, é por referência a esse vazio que podemos conceber uma ética da psicanálise.

Ao pautar a incapacidade/impossibilidade de um objeto absoluto que ocupe esse vazio em O mal-estar na civilização, Freud sustenta que mesmo quando o sujeito age conforme o que é prescrito pela moral civilizatória não se vê livre do sentimento de culpa, pois a instância crítica supereu está sempre exigindo mais do sujeito. Através dessa exigência, a destrutividade volta-se para o Eu, ao ponto inicial e esse conflito tem como resultado o sentimento de culpa que, por sua vez, leva ao mal-estar.

Antes da afirmação de uma pulsão de morte, o sentimento de culpa estava restrito à sexualidade. A partir da onipresença da destrutividade na psique humana, tal sentimento de culpa passa a atuar também como reação ao ímpeto destrutivo.

Um ponto fundamental a ser articulado frente a essa questão é que, como sabemos, o Eu pode sentir prazer na agressividade e aquilo que é mal pode não lhe ser perigoso; no entanto, é através do Outro, como assinalamos no capítulo dois ao tratar do supereu, que se pensa o bem e o mal e não pela pulsão nela mesma. E é em virtude do Outro que há a renúncia dos desejos do sujeito e esta, por sua vez, exige renúncias cada vez maiores, pois

Essa dívida com o supereu jamais será saldada, e o mito freudiano do assassinato do pai, elaborado em *Totem e Tabu*, é a este respeito exemplar. Com o assassinato do pai, o que se abre para o homem não é o acesso ao gozo, mas o incremento da interdição e a instituição da lei (GARCIA-ROZA, 2015, p. 152).

Portanto, é em vista da figura do Outro que o sujeito ama, odeia, sofre, exige de si, se comporta como um sujeito ético e estabelece vínculos afetivos, buscando conter o pendor à agressividade para tornar possível a civilização, como também busca evitar ao máximo o sentimento de desamparo. Para tanto, o sujeito eleva sua consciência moral através da vigilância e exigência do supereu, mesmo que isso resulte no mal-estar fruto da interdição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O compromisso assumido por Freud em sustentar a necessidade de afirmação de processos psíquicos da ordem do inconsciente veio a partir da constatação da impossibilidade de uma mecanização do mental após os estudos postos no Projeto de uma psicologia, que mais adiante o encaminhou a formular a primeira tópica do aparelho psíquico (Ics, Pcs/Cs). Podemos destacar, entre os avanços obtidos pela consolidação das descobertas de Freud incorporadas à obra *O Ego e o Id* em sua segunda tópica, (1) um delineamento mais preciso e funcional do conceito de inconsciente, por meio da ultrapassagem das antigas abordagens meramente descritivas dos processos psíquicos, aquelas nas quais éramos conduzidos, invariavelmente, a uma identificação entre sistema inconsciente e o reprimido; esta identificação tinha como fundamento uma visão meramente tópica e sistemática do psiquismo que, de certo modo, se mostrava inconciliável ou, até mesmo, insuficiente, segundo o novo dinamismo introduzido por meio do narcisismo e das fantasias.

Um delineamento mais completo do inconsciente só foi possível na medida em que Freud passou a compreender, de maneira mais abrangente, os processos que ocorriam no interior do Eu (Ich), sendo capaz de asseverar que, em seu interior, poderíamos também encontrar processos símiles àqueles reservados exclusivamente ao antigo sistema Ics. E, nesse sentido, o Eu deixa de ser uma instância meramente repressora, para também passar a abrigar o inconsciente. Em suma, o que se observa neste momento do desenvolvimento da teoria é o abandono da simples oposição entre instâncias, ou sistemas, Cs e Ics em prol de uma rica interação entre as estruturas ego, id e superego, que apresentam um dinamismo capaz diluir a “antiga”, e meramente sistemática, dicotomia consciente/inconsciente.

O que acabamos de ressaltar direciona a (2) uma nova estrutura explicativa dos processos psíquicos baseada nesse novo esquematismo psicológico, de modo que agora Ics cede lugar às estruturas eu, id e supereu. O que se percebe aqui é a inequívoca superação da abordagem tópico-sistemática pela dinâmica-funcional. Por fim, (3) a esta nova estrutura, Freud é capaz de associar seu novo dualismo pulsional Eros e Tanatos, cuja dialética determina completamente o destino anímico do indivíduo, a tal ponto que esta dialética é considerada a chave para a

compreensão do estabelecimento das próprias estruturas psíquicas e para o desvendamento dos conteúdos a elas vinculados.

O conflito entre Eros e Tanatos se inscreve, como vimos, no cerne da fundação da civilização devido à ambivalência primitiva do sujeito em relação ao pai. Com a instauração da lei pelo clã fraterno a pulsão foi interditada. Esta, por sua vez, se esforça para retornar, insiste em se inscrever no sujeito, embora não se realize plenamente devido a incapacidade inerente à própria estrutura do ser civilizado e a necessidade de ceder de seu desejo ao Outro; Outro este que dita o que é bom e o que é mal. É em virtude desse Outro que ele renuncia. No entanto, a Pulsão de morte se repete, insiste e resiste como algo novo que parte do que é historicamente primitivo no sujeito.

Diante disso, podemos questionar até que ponto o sujeito civilizado poderá ceder de seu desejo frente a esse Outro que o faz introjetar exigências cada vez maiores através da instância supereu. Podemos problematizar em que medida esta instância psíquica supermoral que vigia o desejo pode direcionar o sentimento de culpa a dificultar ou até mesmo bloquear novos modos de elaboração? Frente às exigências conservadoras, como criar o novo? Entendemos que é possível que a pulsão de morte, destrutiva porém criativa, encontre dificuldades de se inscrever no sujeito devido à ação de um supereu fortemente exigente, no entanto, ela está sempre ali, pressionando o sujeito a dar a luz a esse novo que se repete, a essa diferença que se impõe frente à força conservadora de Eros, insistindo que é preciso destruir para que o novo possa emergir.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. **Projeto de uma psicologia científica**. Trad. Osmyr Faria Gabbi Jr. Rio de Janeiro: Imago, Obras Isoladas de Freud, 1995.

_____. **A interpretação dos sonhos**. Trad. Walfredo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.

_____. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *In: publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)*. Trad. José Luís Meurer. Rio de Janeiro: Imago. Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. V1. p. 221-222, 2006a.

_____. Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise. *In: O caso Scheber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Trad. José Luís Meurer. Rio de Janeiro: Imago. Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. V12. p. 275-285, 2006b.

_____. Introdução ao narcisismo (1914). *In: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010a.

_____. Os instintos e seus destinos (1915). *In: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010b.

_____. A repressão (1915). *In: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010c.

_____. O Inconsciente (1915). *In: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010d.

_____. Além do princípio do prazer (1920). *In: História de uma neurose infantil (o “homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010e.

_____. Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“o homem dos ratos”). *In: Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“o homem dos ratos”), uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)*. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010f.

_____. **Estudos sobre histeria (1893-1895)**. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das letras, Vol. 2, 2010g.

_____. História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”). *In: História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das letras. Vol. 2, 2010h.

_____. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Trad. Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010i.

_____. O Eu e o Id (1923). *In: O Eu e o Id, autobiografia e outros textos (1923-1925)*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011a.

_____. O problema econômico do masoquismo (1924). *In: O Eu e o Id, autobiografia e outros textos (1923-1925)*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011b.

_____. Psicologia das massas e análise do Eu (1921). *In: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011c.

_____. Totem e Tabu (1912-1913). *In: Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Trad. Paulo César de Souza. 1ª Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. Trad. Paulo César de Souza. 1ª Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. Atos obsessivos e práticas religiosas (1907). *In: O delírio e os sonhos na gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. Trad. Paulo César de Souza. 1ª Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). *In: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

_____. Moisés e o Monoteísmo (1939). *In: Moisés e o Monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

FULGÊNCIO, B. **As especulações metapsicológicas de Freud**. *In: Natureza Humana* 5(1): 129-173, jan. – jun, 2003.

GARCIA-ROZA, L. A. **O mal radical em Freud**. 2ª.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

_____. **Freud e o inconsciente**. 24ª.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LACAN, J. **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [versão brasileira Antônio Quinet]. Rio de janeiro: Zahar, 2008.

LAPLANCHE J. & PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. Dir. Daniel Lagache. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

LOPARIC, J. De Kant a Freud: um roteiro. **Rev. kant e-Prints**. Vol. 2, n. 8, 2003.

MEZAN, R. **Freud: a trama dos conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. Trad. de Maria da Graça M. Macedo. 3ª.ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, E. E.; SILVA, T. C. F. C. O Inconsciente: um ponto de vista histórico e metapsicológico. Ariús: **Revista de Ciências Humanas e Artes** (UFCG). v. 21, p. 167-185, 2015.

WOLLHEIM, R. **As ideias de Freud**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Círculo do livro S.A., 1971.